

Impresso
Especial

9912175140/2007-DR/PR
IPARDES

...CORREIOS...



GOVERNO DO
PARANÁ

SECRETARIA DE ESTADO
DO PLANEJAMENTO E
COORDENAÇÃO GERAL

ISSN 0102-0374

Análise Conjuntural

IPARDES

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

Curitiba, v.31, n.5-6, maio/junho 2009

sumário

- 3 A CRISE INTERNACIONAL E A RECESSÃO BRASILEIRA
Gilmar Mendes Lourenço
- 7 AS CONTROVÉRSIAS SOBRE A TAXA DE CÂMBIO
Julio Takeshi Suzuki Júnior
- 11 A CRISE ARGENTINA E AS EXPORTAÇÕES PARANAENSES
Guilherme Amorim
- 14 POUPANÇA E EMBARAÇOS DO GOVERNO
Gilmar Mendes Lourenço
- 16 OS RUMOS DA INDÚSTRIA DO PARANÁ
Julio Takeshi Suzuki Júnior
- 19 PARANÁ – DESTAQUES ECONÔMICOS
Guilherme Amorim
Felipe Athia e Roger Braganhol
- 23 ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

Rua Máximo João Kopp, 274 - Bloco 1 - CEP 82630-900 - Santa Cândida - Curitiba-PR - Tel.: (41) 3351-6335 - Fax: (41) 3351-6347

Internet: <http://www.ipardes.gov.br> E-mail: ipardes@ipardes.gov.br

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

ROBERTO REQUIÃO - Governador

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

ÊNIO JOSÉ VERRI - Secretário

IPARDES

CARLOS MANUEL DOS SANTOS

Diretor-Presidente

NEI CELSO FATUCH

Diretor Administrativo-Financeiro

MARIA LÚCIA DE PAULA URBAN

Diretora do Centro de Pesquisa

DEBORAH RIBEIRO CARVALHO

Diretora do Centro Estadual de Estatística

THAÍS KORNIN

Diretora do Centro de Treinamento para o Desenvolvimento

ANÁLISE CONJUNTURAL

JULIO TAKESHI SUZUKI JÚNIOR (*editor*)

Equipe

GILMAR MENDES LOURENÇO (*Economista*)

GUILHERME AMORIM (*Economista*)

FELIPE ATHIA E ROGER BRAGANHOL (*Estagiários*)

EDITORAÇÃO

MARIA LAURA ZOCCOLOTTI (*supervisão editorial*)

LÉIA RACHEL CASTELLAR (*editoração eletrônica*)

CRISTIANE BACHMANN (*revisão*)

DORA SILVIA HACKENBERG (*normalização bibliográfica*)

STELLA MARIS GAZZIERO (*projeto gráfico*)

A CRISE INTERNACIONAL E A RECESSÃO BRASILEIRA

Gilmar Mendes Lourenço*

A ciência econômica atesta o estado de recessão quando ocorre queda do Produto Interno Bruto (PIB), de uma nação ou região, por dois trimestres consecutivos. Mas a necessidade de extirpar a influência exercida por choques de oferta considerados acidentais, expressos normalmente por quebras de safras agrícolas, por exemplo, conduz a associação do fenômeno recessivo a colapsos verificados primordialmente no Setor Industrial.

Nesse sentido, as estatísticas de evolução do PIB brasileiro, relativas ao quarto trimestre de 2008 e ao primeiro trimestre de 2009, divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), confirmam a condição de recessão técnica vivida pelo País desde a eclosão da crise financeira internacional, em outubro de 2008, transmitida domesticamente pela retração da demanda, dos preços e do crédito em escala mundial.

A dimensão da instabilidade pode ser observada, sob a ótica macroeconômica, pela queda de 6,3% e 5,5% no PIB dos Estados Unidos (EUA) no quarto trimestre de 2008 e no primeiro de 2009, respectivamente, puxada pelo declínio dos investimentos. A taxa de desemprego norte-americana atingiu 9,4% da População Economicamente Ativa (PEA), em maio de 2009, a maior desde julho de 1983, culminando no fechamento líquido de mais de 6,2 milhões de vagas naquele país a partir de dezembro de 2007. A dívida pública dos EUA deve ultrapassar 80,0% do PIB no final de 2009, nível superado apenas pelo pós-Segunda Guerra Mundial, quando chegou a 110,0% do PIB em 1945, contra 42,0% do PIB em 1940.

O PIB da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) retrocedeu 2,1% e 2,2% no primeiro trimestre de 2009, em confronto com o último trimestre e igual período de 2008, respectivamente. O resultado para a Zona do Euro (16 países) foi de decréscimo de 2,5% no primeiro trimestre de 2009, em comparação com o quarto trimestre de 2008, sendo o pior desempenho desde 1995 e a quarta queda seguida.

O desemprego na região foi de 9,2% em abril de 2009 (14,5 milhões de pessoas), o maior nível desde 1999. O PIB da Alemanha recuou 3,9% na mesma base de confronto e 6,7% em cotejo com os primeiros três meses de 2008. O PIB da Itália caiu 2,4% e 5,9%, e do Reino Unido encolheu 1,9% e 4,1% em idênticos intervalos.

Em sentido semelhante, o PIB do Japão retrocedeu 4,0% no primeiro trimestre (15,2% em um ano encerrado em março de 2009), o maior em 40 anos, explicado pela contração das demandas externa e interna, corroborando a queda por quatro trimestres consecutivos pela primeira vez desde 1945. A taxa de desemprego no Japão chegou a 5,0% da PEA em abril de 2009, a mais elevada em cinco anos. Contudo, a produção industrial daquele país cresceu 5,2% no mesmo mês, a maior variação desde 1953, em função primordialmente dos reflexos do pacote de estímulo chinês.

Do ângulo micro, emergem os prejuízos de US\$ 2,4 bilhões da montadora japonesa Nissan no exercício fiscal de 2008 (encerrado em março de 2009) – os primeiros desde 1999 – e a descida das ações da General Motors para a menor cotação dos últimos 76 anos (ao redor de US\$ 1,0 em meados de maio de 2009).

A fabricante japonesa de eletrônicos e eletrodomésticos Panasonic experimentou prejuízos de quase US\$ 4,0 bilhões no mesmo intervalo, depois de contabilizar redução de faturamento 14,4%, fechar 27 unidades e dispensar 15,0 mil empregados no mundo. O Mizuho Financial Group, segundo maior banco do Japão, observou perdas de US\$ 5,8 bilhões no exercício 2008-2009.

O PIB brasileiro declinou 3,6% e 0,8% no último trimestre de 2008 e no primeiro de 2009, respectivamente, em relação aos períodos imediatamente anteriores. Em escala mundial, as contrações mais intensas, na mesma base de cotejo, aconteceram na Letônia (-28,7%), nos EUA (-5,5%), no Japão (-4,0%), na Alemanha (-3,9%), na Zona do Euro (-2,5%), na Itália (-2,4%), na Espanha (-1,9%), no Reino Unido (-1,9%) e na França (-1,2%).

* Economista, técnico da equipe permanente desta publicação, coordenador do Curso de Ciências Econômicas da FAE - Centro Universitário.

Nos primeiros três meses de 2009, o PIB decresceu 1,8%, frente ao mesmo intervalo de 2008 (-1,5% do PIB a preços básicos e -3,3% dos impostos), e, por um exame setorial, a compressão foi determinada pela indústria (-9,3%) e pela agropecuária (-1,6%).

Nos serviços, houve registro de incremento de 1,7%, puxado por outros serviços (+7,0%), intermediários financeiros (+5,8%) e informação (+5,4%, telefonia e informática). Em outros serviços, estão inclusos aqueles prestados às empresas e famílias, como saúde e educação privada, alojamento e alimentação, associativos, domésticos e manutenção e reparação. Chamou atenção o decréscimo verificado em comércio (-6,0%) e transporte e comunicações (-5,6%).

Em confronto com o quarto trimestre de 2008, os gastos de consumo das famílias e do governo aumentaram 0,7% e 0,6%, respectivamente, e na parte externa as exportações caíram 16,0%, e as importações, 16,8%. Em paralelo, a formação bruta de capital fixo retraiu 12,6%, representando o pior resultado desde 1996, o que fez a taxa de investimento descer para 16,6% do PIB, contra 18,4% do PIB nos primeiros três meses de 2008, evidenciando apreciável debilitação da capacidade de expansão de longo prazo do País.

*A queda do PIB brasileiro em um semestre
representa a interrupção de uma fase de
21 trimestres sucessivos de expansão*

Tal desempenho agregado brecou 21 trimestres sucessivos de expansão, observados entre 2003 e 2008, de acordo com cálculos do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE), do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O volume de produção do parque manufatureiro observou queda de 6,3% e 14,7% nos últimos três meses de 2008 e no primeiro quadrimestre de 2009, respectivamente, quanto confrontado com idênticos períodos dos anos imediatamente anteriores. O declínio computado entre janeiro e abril de 2009 foi o maior desde o mesmo intervalo de 1991 (-15,2%), afetado decisivamente pela variação negativa na produção de metalúrgica básica, máquinas e equipamentos, veículos automotores e outros produtos químicos.

Enquanto na metalúrgica básica as baixas mais relevantes estiveram ligadas a fundidos de ferro e embalagens metálicas, resultado da compressão das cotações externas dos minérios, em outros produtos químicos a contração pode ser explicada pelo fraco desempenho de adubos, fertilizantes e corretivos, atrelado à nova onda de deterioração dos termos de troca dos produtos do agronegócio, determinada pela derrubada dos preços das *commodities* e agravada pelos problemas climáticos no Centro-Sul do brasileiro.

Pela ótica das categorias de uso, as diminuições de produção mais expressivas aconteceram em bens de consumo duráveis (-22,2%), bens de capital (-22,6%) e bens intermediários (-17,5%), com encolhimento menor para bens de consumo semi e não-duráveis (-3,2%).

No caso de bens de consumo duráveis, a performance desfavorável pode ser imputada à insuficiência e encarecimento do crédito e à adoção de posturas mais cautelosas por parte dos consumidores, em face da conjugação entre elevação da inadimplência e aumento do temor do desemprego.

De acordo com a Centralizadora dos Serviços dos Bancos S.A. (SERASA), a inadimplência (atraso nos pagamentos superiores a 90 dias) aumentou 10,8% no primeiro quadrimestre de 2009, com pronunciada concentração dos passivos em bancos (43,5%), cartões e financeiras (37,1%) e cheques sem fundos (17,5%). Conforme o BC, a inadimplência chegou a 5,2% do total de empréstimos ao sistema bancário, o patamar mais elevado desde outubro de 2000 (5,3%).

É curioso notar que parcela do consumo de tais bens e o abrandamento do endividamento privado podem ser explicados pela saída líquida de R\$ 1,5 bilhão das cadernetas de poupança no primeiro trimestre de 2009 contra entrada de R\$ 1,8 bilhão no mesmo período de 2008.

Inclusive, depois de mais de quatro anos de contabilização de encorpados ganhos, as duas maiores instituições financeiras privadas operantes no País, Bradesco e Itaú, acusaram

queda nos lucros, nos primeiros três meses de 2009, de 9,6% e 27,6%, respectivamente. O lucro do Banco do Brasil diminuiu 29,1% em face da incorporação da rentabilidade negativa do Nossa Caixa e da ampliação da provisão para inadimplência.

Já para bens intermediários, as quedas concentraram-se em produtos químicos, insumos industriais e peças e acessórios, em resposta aos ajustes para baixo executados por compradores externos e internos. Tome-se como exemplo, a queda de 96,8% no lucro do grupo Gerdau, maior produtor de aços longos das Américas, no primeiro trimestre de 2009. Para bens semi e não-duráveis, o menor refluxo deve ser atribuído à natureza inelástica da procura *vis-à-vis* a renda das famílias, sobretudo quanto aos alimentos.

A regressão em bens de capital configura o bloqueio de um ciclo de cinco anos de recuperação dos investimentos no Brasil

Contudo, o que chamou mais atenção foi a regressão da produção de bens de capital (-9,4% no último trimestre de 2008 e -22,6% no primeiro quadrimestre de 2009, a maior depois do tombo de -29,7% do primeiro trimestre de 1996), evidenciando a interrupção de um ciclo de retomada dos investimentos e de elevação da produtividade do capital superior a cinco anos. Depois de 22 trimestres de crescimento consecutivos, a fabricação de máquinas e equipamentos caiu cerca de 20,0% no primeiro quadrimestre de 2009. Como exemplo, o mergulho do preço do minério de ferro forçou a redução do orçamento de inversões da Vale em 37,0% para 2009, caindo de US\$ 14,2 bilhões para 9,0 bilhões.

Isso se corrobora pela diminuição dos desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para financiamento de máquinas e equipamentos de 6,0% e 33,0%, no primeiro quadrimestre de 2009, diante do mesmo período e do derradeiro trimestre de 2008, respectivamente, o que pode ser interpretado como um precedente desanimador para a dinâmica econômica de médio prazo. Ademais, o banco calcula retardo de dois anos para a subida da taxa de investimento para 21,0% do PIB, antes projetada para 2010.

Na mesma linha, estatísticas da Confederação Nacional da Indústria revelam queda de 8,4% no faturamento do parque fabril brasileiro no primeiro quadrimestre de 2009, a maior desde 2003, e de 2,0% nos níveis de emprego. Em abril, a utilização da capacidade instalada estava em 80,0% contra 83,0% no mesmo mês de 2008.

A propósito do emprego industrial, o pessoal ocupado assalariado e número de horas pagas caíram 4,4% e 5,3%, respectivamente, entre janeiro e abril de 2009, puxado pelas atividades de fumo, têxtil, couros, calçados, madeira, borracha, plástico e metalmeccânica, segundo o IBGE.

Ressalte-se a prevalência do episódio recessivo, a despeito do derrame de mais de R\$ 280,0 bilhões no mercado, por intermédio do esforço contracíclico empreendido pela orientação macroeconômica do governo federal, entre outubro de 2008 e abril de 2009, englobando devolução de parcela dos recolhimentos compulsórios, abertura e/ou ampliação de linhas de crédito, pacote habitacional e desonerações tributárias para automóveis, materiais de construção e eletrodomésticos de linha branca, acrescido de ações pontuais de algumas instâncias públicas subnacionais.

O aparente descompasso entre as medidas monetárias e fiscais, empregadas pelas autoridades econômicas, e a reativação consistente da atividade produtiva, na direção do retorno das condições propícias predominantes até setembro de 2008, repousa no retardo temporal na aplicação e na timidez na intensidade das reduções de juros realizadas pelo Comitê de Política Monetária (COPOM) do BC.

Os cortes na Taxa do Sistema Especial de Liquidação e Custódia (SELIC) tiveram início em janeiro de 2009, caindo de 13,75% ao ano para 9,25% a.a. em maio, e não atingiram plenamente os *spreads* bancários, devido ao pronunciado grau de oligopolização setorial e à rota ascendente da inadimplência de empresas e consumidores. Com isso, apesar de

situarem-se nos menores patamares da história (5,0% a.a.), os juros reais básicos do País ainda representam praticamente o dobro daqueles vigentes em países com perfil de endividamento e grau de risco semelhantes ao nosso, a exemplo do Chile e do México.

Assim, ao lado da retomada da política de compra de dólares para a acumulação de reservas, que poderiam ser utilizadas no financiamento público de projetos estruturantes, a diminuição mais rápida dos patamares da Taxa SELIC reduziria a pressão especulativa sobre o câmbio, sufocando o movimento recente de revalorização do real e aliviando os encargos financeiros incidentes sobre a dívida pública, o que abriria espaço para a intensificação dos investimentos.

Ainda assim, deflagrou-se uma discussão acerca de rearranjos na engenharia financeira do País, requeridos para a neutralização da tendência de migração dos ativos dos fundos de curto prazo na direção das cadernetas de poupança, em face destas ostentarem remuneração fixa de 6,17% a.a. (0,5% ao mês), acrescida da taxa referencial de juros (com redutor), e desprovida de impostos. As medidas anunciadas pelo governo, em meados de maio de 2008, incluíram a redução da tributação dos fundos (de até 22,5% a.a. para 15,0% a.a.) e a cobrança do Imposto de Renda sobre os rendimentos dos saldos em poupança superiores a R\$ 50,0 mil, a partir de 2010.

Pelo ângulo das contas públicas, as despesas de custeio do governo federal aumentaram 19,1% no primeiro quadrimestre de 2009, enquanto as receitas e o superávit primário recuaram 1,7% e 59,3%, respectivamente, no mesmo intervalo.

Em paralelo, a agência Fitch Rating reafirmou, em maio de 2009, a nota de crédito do Brasil BBB, considerada a primeira classe de grau de investimento, e o International Institute for Management Development (IMD) estimou avanço do País do 43.º para o 40.º posto em um *ranking* de competitividade de 57 países.

O aumento da volatilidade da taxa cambial, desde o início da crise, elevou ainda mais as discussões acerca dos determinantes do comportamento da cotação do dólar, sendo nítido o confronto entre duas correntes. De um lado posicionam-se os analistas que atribuem a trajetória do câmbio ao diferencial entre os juros internos e externos. De outro estão os defensores da tese de que as mudanças na relação dólar/real refletem os “fundamentos” da economia brasileira, com grande influência do dinamismo do comércio exterior, além do movimento da moeda norte-americana em nível global.

Observando-se estatísticas recentes do balanço de pagamentos, constata-se que os investimentos realizados por estrangeiros no mercado de ações do País atingiram US\$ 1,4 bilhão no segundo bimestre de 2009 (em termos líquidos, com a subtração das aplicações de brasileiros em bolsas de valores internacionais), interrompendo uma série de sucessivos registros de saídas de recursos (tabela 1). Nesse mesmo período, o saldo dos capitais externos direcionados aos títulos brasileiros de renda fixa apresentou resultado negativo (-US\$ 824 milhões), não obstante o patamar ainda elevado da taxa real de juros, enquanto o investimento estrangeiro direto líquido alcançou valor positivo de US\$ 1,8 bilhão. Adicionalmente, as exportações suplantaram as importações em US\$ 5,5 bilhões, cifra acima das expectativas, o que contribuiu para um resultado final superavitário no balanço de pagamentos.

Diante disso, os “fundamentos” econômicos parecem ser condicionantes predominantes, mas não exclusivas, do movimento de apreciação do real iniciado há alguns meses, especialmente considerando-se a posição menos desfavorável do País em comparação a outras importantes economias, marcadas pela desaceleração ainda mais acentuada da atividade produtiva. Segundo dados do Banco Central, o real anotou valorização de 9,7% em relação ao dólar norte-americano no bimestre março-abril de 2009, variação que subiu para 18,2% no trimestre março-maio, colocando a moeda nacional entre as que apresentaram as maiores apreciações, juntamente com o rande da África do Sul e o won da Coreia do Sul.

Em contrapartida, no período pré-crise, os juros parecem ter influenciado fortemente o processo de valorização cambial, dado o pronunciado ingresso de recursos na renda fixa. No acumulado dos quatro primeiros bimestres do ano passado, antes da quebra do Lehman Brothers, as captações externas por meio de títulos de renda fixa atingiram valor líquido de US\$ 15,8 bilhões, superando o investimento estrangeiro direto (US\$ 12,2 bilhões) e as aplicações em bolsas de valores (US\$ 3,1 bilhões). Concomitantemente, as transações correntes voltaram a exibir resultados negativos, em razão do declínio do saldo comercial e do aumento do déficit na conta de serviços e rendas.

Anteriormente, no exercício de 2007, a renda fixa foi responsável por uma expressiva captação externa de US\$ 23,6 bilhões, refletindo sobremaneira as operações de *carry trade*, representadas pelas contratações de empréstimos em países que praticam baixas taxas de juros para aplicações em economias que oferecem altos rendimentos ao capital financeiro. Tais condições, em um regime de câmbio flutuante, foram determinantes para a apreciação de 17% do real em 2007, abaixo somente da variação registrada pela nova lira da Turquia, país cuja política monetária era marcada pelos altos juros reais antes da crise.

Por conseguinte, pode-se concluir que o prolongado movimento de valorização cambial, interrompido somente durante os primeiros meses da crise, deriva da combinação entre a melhoria do ambiente macroeconômico – propiciada, em grande medida, pela confortável condição do balanço de pagamentos – e a elevada taxa de juros, havendo mudanças nos pesos dos fatores determinantes da cotação da moeda brasileira em alguns períodos. Com moderado grau de influência, deve-se considerar também a tendência baixista do dólar em âmbito mundial, em consequência principalmente da expansão da base monetária promovida pelo governo norte-americano.

* Administrador, coordenador do Núcleo de Estudos Macroeconômicos e Conjunturais.

TABELA 1 - BALANÇO DE PAGAMENTOS - BRASIL - 2007-2009

| CONTA | VALOR (US\$ milhão) | | | | | | | | | | | |
|---|---------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|---------|--|--|
| | 2007 | | | 2008 | | | | | | 2009 | | |
| | 1.º bim. | 2.º bim. | 3.º bim. | 4.º bim. | 5.º bim. | 6.º bim. | TOTAL | 1.º bim. | 2.º bim. | TOTAL | | |
| Transações correntes | 1 551 | -5 917 | -3 567 | -3 252 | -4 000 | -4 070 | -28 192 | -3 375 | -1 499 | -4 874 | | |
| Balança comercial | 40 032 | 1 773 | 6 804 | 5 623 | 3 995 | 3 916 | 24 836 | 1 239 | 5 483 | 6 722 | | |
| Exportação de bens | 160 649 | 26 077 | 37 897 | 40 198 | 38 530 | 28 570 | 197 942 | 19 368 | 24 131 | 43 499 | | |
| Importação de bens | -120 617 | -24 304 | -31 093 | -34 575 | -34 535 | -24 654 | -173 107 | -18 130 | -18 647 | -36 777 | | |
| Serviços e rendas | -42 510 | -8 326 | -10 779 | -10 955 | -9 537 | -8 818 | -57 252 | -5 196 | -7 506 | -12 702 | | |
| Transferências unilaterais | 4 029 | 636 | 666 | 662 | 824 | 851 | 4 224 | 583 | 523 | 1 106 | | |
| Conta capital e financeira | 89 086 | 14 696 | 15 952 | 9 566 | 8 611 | -3 792 | 29 352 | 930 | 4 637 | 5 567 | | |
| Conta capital | 756 | 104 | 91 | 207 | 310 | 149 | 1 055 | 214 | 150 | 364 | | |
| Conta financeira | 88 330 | 14 591 | 15 861 | 9 372 | 8 404 | -4 102 | 28 297 | 716 | 4 487 | 5 203 | | |
| Investimento direto ⁽¹⁾ | 27 518 | 3 357 | 1 558 | 4 108 | 6 882 | 5 480 | 24 601 | 4 580 | 1 770 | 6 350 | | |
| Investimento em carteira ⁽²⁾ | 48 390 | 456 | 9 886 | 2 950 | 5 603 | -9 297 | 1 133 | -4 255 | 536 | -3 719 | | |
| Ações | 24 804 | -3 785 | 7 174 | 1 387 | -1 657 | -2 493 | -7 308 | -884 | 1 360 | 475 | | |
| Renda fixa | 23 586 | 4 241 | 2 712 | 1 564 | 7 260 | -1 362 | 8 441 | -3 370 | -824 | -4 194 | | |
| Derivativos | - 710 | -204 | -148 | -31 | 67 | 33 | -312 | 208 | 19 | 227 | | |
| Outros investimentos | 13 131 | 10 982 | 2 787 | 5 012 | -1 277 | -1 753 | 2 875 | 183 | 2 163 | 2 345 | | |
| Erros e omissões | -3 152 | -1 902 | -2 852 | 649 | -1 112 | -344 | 1 809 | 323 | -392 | -70 | | |
| Resultados do balanço | 87 484 | 6 876 | 5 713 | 6 648 | 4 248 | -12 381 | 2 969 | -2 122 | 2 746 | 624 | | |

FONTE: Banco Central

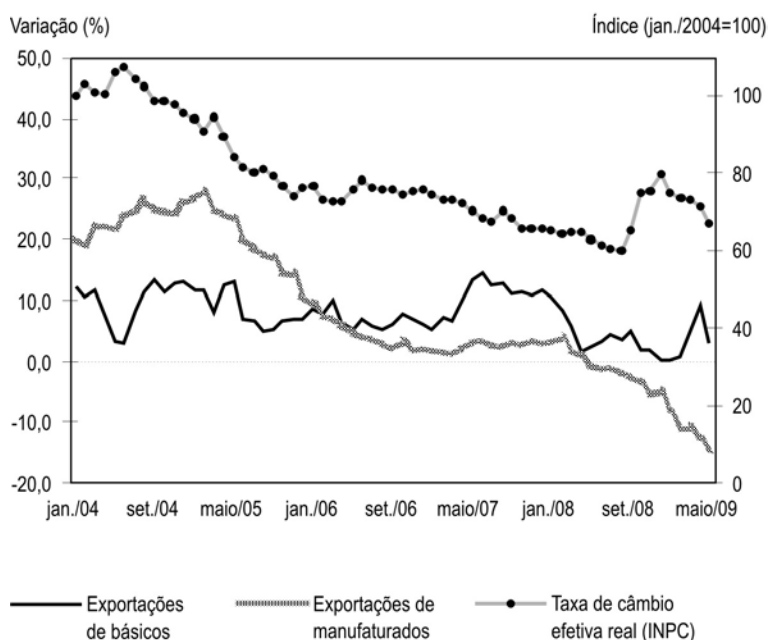
(1) Resultado líquido, com a subtração dos investimentos brasileiros diretos no Exterior.

(2) Resultado líquido, com a subtração dos investimentos realizados por brasileiros em ações e títulos de renda fixa de outros países.

De qualquer modo, é certo que a sobrevalorização do câmbio vem comprometendo a competitividade do setor exportador, com impactos expressivos sobre os segmentos ofertantes de bens industrializados, não sendo por acaso a queda da importância relativa dessa categoria de produtos no total das vendas externas do País. De acordo com estatísticas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), os produtos manufaturados responderam por 44,3% das exportações nacionais no acumulado de janeiro a maio de 2009, ficando abaixo, por exemplo, das participações registradas em idênticos períodos de 2000 (59,2%) e 2005 (56,5%), quando a taxa cambial atingiu níveis mais depreciados. Conseqüentemente, o peso relativo dos bens básicos no total das exportações brasileiras subiu de 22,1% nos cinco primeiros meses de 2000 para 27,0% e 40,8% em iguais intervalos de 2005 e 2009, respectivamente, sinalizando um processo de "commoditização" das vendas externas, que pode redundar, em um caso extremo, na desestruturação interna de alguns segmentos industriais, principalmente daqueles caracterizados pelo alto valor adicionado.

Em um exame da evolução do volume físico comercializado, ficam ainda mais claros os maiores efeitos negativos da valorização cambial sobre as exportações de manufaturados, comparativamente às vendas de básicos. Conforme dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX), no acumulado de 12 meses encerrado em maio de 2009, o *quantum* das exportações brasileiras de mercadorias manufaturadas declinou -14,8%, enquanto o volume de produtos básicos transacionados avançou 3,0%. Mesmo antes da agudização da crise, as quantidades exportadas de manufaturas apresentavam decréscimo, podendo-se citar, a título de ilustração, a redução de -1,5% registrada no período de 12 meses finalizado em agosto de 2008, que contrasta com as elevadas taxas de crescimento observadas há cerca de cinco anos (gráfico 1).

GRÁFICO 1 - ÍNDICE DA TAXA DE CÂMBIO EFETIVA REAL E VARIAÇÃO DO QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES DE BENS BÁSICOS E MANUFATURADOS - BRASIL - JAN 2004/ MAIO 2009



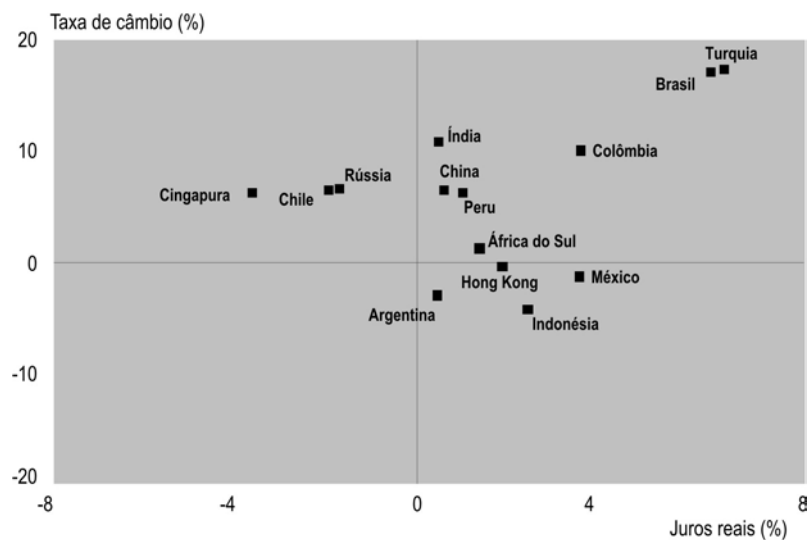
FONTES: Banco Central, FUNCEX

NOTA: Variação do *quantum* das exportações no acumulado de 12 meses.

Por isso, são desejáveis medidas para a minimização dos reflexos dos favoráveis preços das *commodities* e do conseqüente bom desempenho das receitas das exportações sobre a taxa de câmbio, de modo a assegurar a competitividade das atividades industriais de média/alta intensidade tecnológica, evitando a deterioração qualitativa da pauta comercial do País. Nesse sentido, parecem ser positivas as experiências de alguns países com fundos governamentais para a manutenção no exterior das divisas geradas pelas exportações, consistindo em uma estratégia que exige, além de alguma contrapartida fiscal para a esterilização de recursos, a diminuição da distância entre os juros internos e externos.

Como argumento adicional a favor da queda dos juros, cabe mencionar ainda a evidência de forte correlação entre o comportamento do câmbio e a condução da política monetária no mundo emergente (gráfico 2), não podendo ser interpretadas como coincidência as simultâneas lideranças de algumas economias nos *rankings* dos juros reais e da valorização das moedas. Isso posto, não há dúvida quanto aos primeiros passos a serem tomados na direção de uma efetiva política cambial e de comércio exterior, integrante de um programa abrangente de desenvolvimento.

GRÁFICO 2 - TAXA REAL DE JUROS E VARIAÇÃO DO CÂMBIO - PAÍSES SELECIONADOS - 2007



FONTES: FMI, Banco Central, Trading Economics

A CRISE ARGENTINA E AS EXPORTAÇÕES PARANAENSES

Guilherme Amorim*

No ano passado, a Argentina tornou-se o país com a segunda maior corrente de comércio com o Paraná, origem de 10% da demanda, em dólares, por produtos paranaenses e de 9,5% das importações realizadas pelo Estado, segundo informações do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). A retração econômica do país vizinho tem, portanto, reflexos significativos sobre a balança comercial paranaense. Dentre os fatores que concorrem para o desaquecimento da economia argentina, são passíveis de destaque a escassez de crédito internacional para os exportadores, a redução de investimentos estrangeiros diretos, a queda na cotação das *commodities* – sem que houvesse diminuição equivalente nos custos de produção e a ocorrência da pior estiagem dos últimos 50 anos. No primeiro trimestre de 2009, de acordo com as estatísticas oficiais, o país cresceu 2% em relação ao mesmo período de 2008, mas seu Produto Interno Bruto (PIB) agropecuário sofreu queda de 14,2%, e o da indústria caiu 1,2%.

A crescente aversão ao risco das instituições de crédito europeias e asiáticas responde pela falta de liquidez da indústria argentina. Essa constrição nas linhas de financiamento afeta também os importadores de produtos argentinos, reduzindo os embarques para seus mercados tradicionais. Simultaneamente, multinacionais instaladas no país, como as fabricantes de autopeças Mahle (alemã) e Autoliv (sueca), migraram para o Brasil. Outras, enfraquecidas pela crise que atingiu suas matrizes e pessimistas quanto ao desempenho futuro da economia local, decidem encerrar suas atividades na Argentina.

A indústria tem reagido com clamores ao governo por proteção ante produtos brasileiros e chineses e pela desvalorização do peso. Receosas do impacto inflacionário da alteração no patamar cambial, as autoridades econômicas têm resistido a mudanças na política monetária. Têm, contudo, utilizado pouco sutis instrumentos burocráticos e diplomáticos para restringir a entrada de produtos industrializados. As importações argentinas sofreram queda de 35,3% no primeiro trimestre de 2009, comparadas com o mesmo período do ano anterior. Nesses três meses, as compras realizadas do Brasil caíram 45,4%, enquanto as oriundas da China decresceram 25%. A tendência é mais significativa no setor de bens de consumo, como têxteis, calçados e eletrodomésticos, e crescente em produtos químicos (fertilizantes), ferramentas, bens de informática e tecnologia (*notebooks*, *software* e câmeras). As barreiras aduaneiras (licenciamentos não-automáticos e processos *antidumping*) englobavam, no final do primeiro semestre deste ano, 609 posições tarifárias, equivalentes a importações de US\$ 6,632 bilhões, ou 11,6% do total. A China teve 20,1% das exportações para a Argentina afetadas por barreiras, enquanto o Brasil teve 14,8%. Os licenciamentos, de acordo com a Organização Mundial do Comércio (OMC), não podem exceder 60 dias para serem outorgados, mas o prazo tem sido deliberadamente desrespeitado pelas autoridades alfandegárias.

Desde o ano passado, as associações industriais argentinas têm pressionado, em câmaras de negociação, para impor cotas mais restritivas para a entrada de mercadorias do Brasil. Industriais brasileiros, principalmente aqueles com marcas solidificadas no mercado vizinho, têm superado os entraves burocráticos com a instalação de linhas de produção na Argentina, frequentemente associados a um fabricante local. As cotas, ou limitações voluntárias, têm sido pouco eficientes em proteger os setores industriais intensivos em mão-de-obra e têm gerado desvio de comércio. O caso dos produtos têxteis e confecções é emblemático: segmento pulverizado em 30 mil empresas e responsável por mais de 10% do empregos na indústria enfrenta a concorrência brasileira com a imposição de cotas há anos. O mecanismo desacelerou a exportação brasileira, levou tecelagens como Coteminas, Santana e Vicunha a operarem no outro lado da fronteira, mas não interrompeu a trajetória de elevação de participação dos têxteis asiáticos. Assim, entre 2005 e 2008, a participação brasileira na importação argentina do setor caiu de 41,5% para 26,7%, enquanto a fatia de

* Economista, técnico da equipe permanente desta publicação.

mercado dos produtos oriundos de outros países, predominantemente asiáticos, cresceu de 58,4% para 70,6%, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT). Esse desvio ocorreu em um período em que as importações de têxteis e confecções cresceram 36%.

A violenta estiagem que assolou o Cone Sul desde o final de 2008 atingiu 15 das 23 províncias argentinas, e quatro delas declararam estado de desastre, o que permitiu que os agricultores postergassem o pagamento de impostos e empréstimos. A região conhecida como Pampa Úmida, responsável por 80% da produção de grãos do país, sofreu quebra de 20% da safra. Projeção do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima que a Argentina colha entre 36% e 40% a menos de soja, milho e trigo na atual safra, comparada à anterior. Produtos primários e agroindustriais responderam, em 2008, por 58% das exportações e por 14% da arrecadação federal de tributos, de acordo com a Confederação das Associações Rurais das Províncias de Buenos Aires e La Pampa (CARBAP). Apesar de terem reagido no primeiro semestre de 2009, as cotações internacionais dos grãos acumulavam perdas, se comparadas ao mesmo período do ano passado. Nos últimos 12 meses, na Bolsa de Chicago, o preço da soja sofreu queda de 23,85%, o do milho caiu 40,45% e o do trigo retrocedeu 29,26%.

As exportações paranaenses para a Argentina, nos primeiros cinco meses de 2008, acumularam US\$ 697,1 milhões. No mesmo período do ano corrente, não ultrapassaram US\$ 293,5 milhões (tabela 1). As importações do Paraná sofreram redução menos gritante, de 23,6%, e registraram decréscimo de US\$ 123 milhões. A composição da balança comercial explica, parcialmente, essa disparidade. Nos dois sentidos do fluxo de mercadorias, a pauta é dominada pela indústria automotiva.

TABELA 1 - EXPORTAÇÃO PARANAENSE PARA A ARGENTINA - JAN-MAIO 2008 E JAN-MAIO 2009 (US\$ FOB)

| SUBSETOR | JAN. - MAIO | PARTICIPAÇÃO | JAN. - MAIO | PARTICIPAÇÃO |
|---|-------------|--------------|-------------|--------------|
| | 2009 | (%) | 2008 | (%) |
| Automóveis | 71 188 143 | 24,26 | 215 952 779 | 30,98 |
| Papel | 38 863 414 | 13,24 | 58 537 299 | 8,40 |
| Autopeças | 28 635 486 | 9,76 | 49 576 557 | 7,11 |
| Veículos de carga | 15 521 423 | 5,29 | 60 746 746 | 8,71 |
| Motores para veículos | 14 961 160 | 5,10 | 33 295 381 | 4,78 |
| Refrigeradores e congeladores | 9 949 301 | 3,39 | 16 458 102 | 2,36 |
| Demais materiais elétricos e eletrônicos | 7 385 120 | 2,52 | 6 138 629 | 0,88 |
| Produtos químicos orgânicos | 7 175 051 | 2,44 | 9 573 289 | 1,37 |
| Máquinas e aparelhos de uso agrícola, exceto tratores | 6 616 660 | 2,25 | 40 843 428 | 5,86 |
| Fios, cabos e condutores para uso elétrico | 6 276 941 | 2,14 | 11 378 931 | 1,63 |
| Demais produtos | 86 897 753 | 29,61 | 194 602 234 | 27,92 |
| TOTAL | 293 470 452 | 100,00 | 697 103 375 | 100,00 |

FONTE: MDIC

NOTA: Elaboração do IPARDES.

A complementaridade entre plantas automotivas brasileiras e argentinas exige das empresas instaladas em ambos os países estratégia que cumpra o *flex* de produto (relação entre veículos fabricados e vendidos dentro dos respectivos mercados). O respeito a essa proporção, estabelecida no Acordo Automotivo renovado em 2008, garante que os produtos sejam isentos de tarifa de importação. Tradicionalmente, tais montadoras têm equacionado escala de produção e tamanho do mercado consumidor para distribuir os modelos entre os dois lados da fronteira. Assim, o Brasil concentra a produção de veículos populares, enquanto a Argentina responde pela produção daqueles com maior valor agregado. As companhias instaladas no Paraná seguem essa lógica e movimentaram, em 2008, aproximadamente US\$ 847 milhões (78.684 veículos) entre suas plantas da Região Metropolitana de Curitiba e aquelas na Argentina.

A desaceleração da atividade econômica, associada ao protecionismo, tem efeitos sobre toda essa cadeia produtiva, como a comparação entre os resultados dos cinco primeiros meses de 2008 e 2009 das exportações paranaenses para a Argentina demonstra. A interligação entre os dois parques industriais gera desequilíbrios nos dois lados da fronteira, mesmo

quando apenas um desses mercados experimenta desaceleração. Enquanto a Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA) avança a possibilidade de que 2009 seja o ano com maior volume de vendas de automóveis no Brasil, a queda na produção argentina provoca apreensão nos fornecedores.

A indústria nacional – e paranaense – de autopeças enfrenta, por um lado, a concorrência de fornecedores de fora do MERCOSUL como reflexo da valorização cambial e, por outro, encontra barreiras argentinas que geram desvio de comércio. A deliberada morosidade na concessão de licenças não-automáticas e a imposição de valores-critério (preços mínimos para a comercialização de importados), ao mesmo tempo em que excluem os pequenos e médios fabricantes brasileiros, elevam os custos de produção de veículos argentinos.

As decisões anunciadas pelo Ministério da Fazenda no dia 13 de maio de 2009 sinalizando a cobrança de Imposto de Renda (IR) sobre os rendimentos das aplicações em cadernetas de poupança de pessoas físicas (as jurídicas já pagam) e a intenção de promoção de drástica (porém provisória) redução do gravame dos ganhos auferidos em fundos de renda fixa possuem pronunciado grau de improvisação, motivado pela urgência de uma pronta resposta política à exacerbação das expectativas quanto à possibilidade de repetição de confiscos monetários, semelhantes aos realizados pelo Governo Collor em março de 1990.

Mais precisamente, a cunha fiscal dos fundos decresceria do teto de 22,5% para o mínimo de 15,0%, determinada por Medida Provisória (MP), representando renúncia de receita pública estimada em R\$ 3,5 bilhões, a ser compensada pela compressão dos encargos sobre o passivo do governo, derivada da marcha de recuo dos juros.

Enquanto isso, a tributação da poupança englobaria rendas de saldos superiores a R\$ 50,0 mil (o que equivale a 1,0% dos titulares, responsáveis por 40,8% dos depósitos) e seria progressiva e proporcional à queda da Taxa do Sistema Especial de Liquidação e Custódia (SELIC) abaixo de 10,5%, a partir de janeiro de 2010, somada aos proventos do contribuinte na declaração do IR e cobrada apenas de 2011 em diante.

De fato, delinea-se uma tendência de convergência entre as remunerações líquidas da maioria dos fundos de curto prazo, com aquelas provenientes das cadernetas, fruto da intensificação da redução da SELIC pelo Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central (BC), provocada pela premência de correções macroeconômicas para enfrentamento dos efeitos da crise internacional no *front* doméstico.

Na prática, a maior velocidade de diminuição dos juros básicos do País, referências para as operações interbancárias e para as captações dos recursos para as carteiras de ativos de curto termo dos bancos, que conferem lastro às operações de rolagem dos papéis da dívida pública, além da incidência de apreciável carga de IR e cobrança de enormes taxas de administração pelas agências sobre aquelas aplicações, deflagrou uma rota cadente nos rendimentos líquidos das modalidades consideradas de risco do mercado financeiro.

Nessa linha, proliferaram projeções acerca da perda de ganhos dos fundos em comparação com as cadernetas, em um ambiente que combinasse Taxa SELIC abaixo de 9,25% ao ano (a.a.) e taxas de administração superiores a 1,0% a.a. Isso porque a poupança é desprovida de qualquer fardo tributário e ostenta remuneração fixa (constitucional) de 6,17% a.a. (0,5% ao mês), acima da inflação prevista de 4,0% para os próximos 12 meses, acrescida de uma parte variável. Esta segunda parte é baseada na taxa referencial de juros (TR), sobre a qual é aplicado um redutor para a retirada da carga fiscal embutida nas transações com certificados de Depósitos Bancários (CDBs) e Recibos de Depósitos Bancários (RDBs), por períodos de aproximadamente 30 a 35 dias.

A poupança configuraria uma espécie de piso para os juros brasileiros, se considerar-se a hipótese de que as taxas de curto prazo não podem ser inferiores às de longo prazo

* Economista, técnico da equipe permanente desta publicação, coordenador do Curso de Ciências Econômicas da FAE - Centro Universitário.

Nas contas definitivas, ao render 7,0% a.a., a poupança configuraria uma espécie de piso para os juros, particularmente se considerar-se a hipótese (bastante discutível) de que as taxas de curto prazo não podem ser inferiores às de longo prazo, ao contrário do que ocorre na esmagadora maioria das economias capitalistas.

Os receios oficiais repousariam na abrupta reestruturação do portfólio do aparelho financeiro, pela evasão de recursos de modalidades de curta maturação, reduto cativo da colocação dos títulos do governo, para as de longo tempo, produzindo, em simultâneo, dificuldades (e elevação do custo) de rolagem da dívida mobiliária do governo e abundância de haveres para o crédito habitacional, pois 65,0% da massa alocada no Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) tem tal destino.

Por certo, a proteção baseada em remuneração fixa aos poupadores precisaria ser adequada ao panorama de estabilização monetária, prevalecente no Brasil há 15 anos, desde a criação do real, pois remonta às reformas institucionais da década de 1960, lançadas no âmbito do Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG), em tempos de economia fechada, visando, entre outras coisas, ao equilíbrio macroeconômico em regime de indexação dos preços, contratos, salários e ativos.

Contudo, tal providência deveria integrar uma abrangente reforma financeira, cujas âncoras seriam o atendimento de propósitos de completa desindexação econômica, incluindo a revisão dos critérios de mensuração da TR ou até mesmo a sua extinção, de derradeira aproximação do preço do dinheiro no País com os juros internacionais e de atualização dos princípios norteadores do sistema financeiro de habitação, mediante a revisão do direcionamento compulsório dos recursos e a liberação das taxas de captação e de empréstimos.

Logo, soam infundadas as apreensões das autoridades econômicas – e de algumas peças conservadoras representantes dos mercados – com a eclosão e/ou o aprofundamento de jogos especulativos no interior do sistema financeiro, protagonizados pela fuga dos bônus do tesouro e pela preferência pelo aporte na poupança.

Por um extremo, parece pouco provável que as grandes somas circulantes no mercado financeiro venham a perder rentabilidade nas aplicações de risco *vis-à-vis* as cadernetas, em razão da enorme disputa travada entre as organizações pela presença daquelas em suas carteiras, resultando em cobranças de taxas de administração inferiores a 0,5%.

Por outro lado, a observação de riscos de formação de bolhas imobiliárias, por conta do aprisionamento de quase dois terços dos recursos da poupança para essa finalidade, da diminuição de exigências e do aumento da inadimplência dos mutuários, em meio ao cálculo de um déficit habitacional superior a 7,0 milhões de unidades no País, estaria mais perto dos moinhos de vento das histórias de Dom Quixote.

Adicionalmente, a sugestão de atrelo das regras de remuneração das cadernetas aos movimentos da SELIC revela arriscada mistura entre ingredientes de captação de recursos de prolongado horizonte temporal e os instáveis humores da política monetária de curto prazo, fortemente dependentes das flutuações da economia global.

OS RUMOS DA INDÚSTRIA DO PARANÁ

Julio Takeshi Suzuki Júnior*

Divulgada no dia 26 de junho pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Pesquisa Industrial Anual 2007 apresenta informações importantes acerca das tendências espaciais e produtivas do setor manufatureiro do País. Em razão da dimensão da sua amostra, que inclui o levantamento censitário das empresas com 30 ou mais indivíduos ocupados, a referida pesquisa permite o exame preciso e detalhado dos movimentos estruturais em curso, também em nível regional.

No caso específico do Paraná, os resultados são positivos, podendo-se destacar o crescimento de 11,6% do emprego, com salto de 511,8 mil pessoas ocupadas em 2006 para 571,3 mil em 2007, além do aumento nominal de 16,5% do Valor da Transformação Industrial (VTI), que passou de R\$ 36,3 bilhões em 2006 para R\$ 42,3 bilhões no exercício seguinte. Analisando essa última variável, *proxy* da renda gerada pelas atividades manufatureiras, pode-se observar avanço consistente do Estado em âmbito nacional no período recente, com a ampliação da participação paranaense no VTI do Brasil, de 5,85% em 2000 para 6,47% em 2004 e 6,98% em 2007 (tabela 1).

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO UNIDADES DA FEDERAÇÃO - BRASIL - 2000/2007

| UF | PARTICIPAÇÃO (%) | | | UF | PARTICIPAÇÃO (%) | | |
|-------------------|------------------|-------|-------|---------------------|------------------|--------|--------|
| | 2000 | 2004 | 2007 | | 2000 | 2004 | 2007 |
| São Paulo | 44,78 | 40,03 | 39,31 | Mato Grosso do Sul | 0,33 | 0,61 | 0,57 |
| Minas Gerais | 9,53 | 10,53 | 10,86 | Maranhão | 0,35 | 0,52 | 0,51 |
| Rio de Janeiro | 9,49 | 10,39 | 10,10 | Rio Grande do Norte | 0,61 | 0,55 | 0,50 |
| Paraná | 5,85 | 6,47 | 6,98 | Sergipe | 0,40 | 0,50 | 0,47 |
| Rio Grande do Sul | 8,24 | 7,62 | 6,83 | Alagoas | 0,53 | 0,38 | 0,36 |
| Bahia | 4,06 | 4,25 | 4,85 | Paraíba | 0,35 | 0,36 | 0,32 |
| Santa Catarina | 4,41 | 4,65 | 4,67 | Distrito Federal | 0,25 | 0,22 | 0,24 |
| Amazonas | 3,18 | 3,66 | 3,94 | Rondônia | 0,10 | 0,13 | 0,20 |
| Espírito Santo | 2,01 | 2,28 | 2,41 | Piauí | 0,08 | 0,12 | 0,14 |
| Goiás | 1,09 | 1,56 | 1,86 | Tocantins | 0,04 | 0,05 | 0,06 |
| Pará | 1,29 | 1,70 | 1,64 | Amapá | 0,03 | 0,03 | 0,04 |
| Pernambuco | 1,15 | 1,12 | 1,19 | Acre | 0,01 | 0,02 | 0,03 |
| Ceará | 1,31 | 1,16 | 1,13 | Roraima | 0,00 | 0,01 | 0,01 |
| Mato Grosso | 0,52 | 1,10 | 0,79 | BRASIL | 100,00 | 100,00 | 100,00 |

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

A elevação da importância relativa do Paraná nos últimos anos possibilitou, inclusive, a conquista da quarta colocação no *ranking* das economias industriais em 2006, posição mantida em 2007, suplantando o Rio Grande do Sul, cuja participação no VTI do País caiu 1.4 ponto percentual (p.p.) no período de 2000 a 2007. Entre as Unidades da Federação que vêm declinando em termos de representatividade, cabe citar ainda São Paulo, responsável por 39,31% do valor agregado industrial brasileiro em 2007, o mais baixo percentual desde o começo da pesquisa em 1996, o que indica a continuidade do processo de desconcentração regional, não obstante a menor velocidade desse movimento em comparação ao final dos anos 1990 e início da década de 2000.

Em uma avaliação setorial do desempenho do Estado, verificam-se performances distintas ao longo do intervalo analisado, sobressaindo os aumentos dos pesos relativos dos ramos de refino de petróleo, veículos automotores, produtos de metal e equipamentos de informática na estrutura industrial do Paraná (tabela 2). Em relação ao segmento petroquímico, o crescimento

* Administrador, coordenador do Núcleo de Estudos Macroeconômicos e Conjunturais.

pode ser atribuído às vultosas inversões da Petrobras na diversificação e na ampliação da produção da Refinaria Presidente Getúlio Vargas (REPAR), localizada no município de Araucária, na Região Metropolitana de Curitiba. Adicionalmente, a elevação do VTI setorial foi fortemente influenciada pela alta dos preços dos combustíveis, que, por sua vez, refletiu as variações cambiais e a trajetória ascendente da cotação do petróleo no mercado internacional.

TABELA 2 - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO ATIVIDADES ECONÔMICAS - PARANÁ - 2000/2007

| ATIVIDADE | 2000 | | 2007 | | PART. PR/BR (%) | |
|--|--------------------|-----------|--------------------|-----------|-----------------|-------|
| | VTI ⁽¹⁾ | Part. (%) | VTI ⁽¹⁾ | Part. (%) | 2000 | 2007 |
| Indústria extrativa | 95 552 | 0,64 | 200 901 | 0,47 | 0,68 | 0,42 |
| Indústria de transformação | 14 781 991 | 99,36 | 42 136 781 | 99,53 | 6,15 | 7,55 |
| Fabricação de produtos alimentícios e bebidas | 3 024 121 | 20,33 | 8 706 339 | 20,56 | 8,40 | 9,39 |
| Fabricação de produtos do fumo | 126 108 | 0,85 | 136 532 | 0,32 | 6,28 | 3,20 |
| Fabricação de produtos têxteis | 209 669 | 1,41 | 515 646 | 1,22 | 2,91 | 4,52 |
| Confecção de artigos do vestuário e acessórios | 199 587 | 1,34 | 789 273 | 1,86 | 4,44 | 7,21 |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro | 116 752 | 0,78 | 199 963 | 0,47 | 2,39 | 2,13 |
| Fabricação de produtos de madeira | 534 817 | 3,59 | 1 755 165 | 4,15 | 17,44 | 23,27 |
| Fabricação de celulose, papel e produtos de papel | 1 140 921 | 7,67 | 2 146 637 | 5,07 | 10,32 | 10,61 |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 402 485 | 2,71 | 684 108 | 1,62 | 3,85 | 4,08 |
| Refino de petróleo e produção de álcool | 2 165 905 | 14,56 | 8 620 943 | 20,36 | 7,54 | 12,48 |
| Fabricação de produtos químicos | 1 087 624 | 7,31 | 2 607 694 | 6,16 | 3,66 | 4,17 |
| Fabricação de artigos de borracha e plástico | 474 137 | 3,19 | 832 169 | 1,97 | 5,05 | 4,16 |
| Fabricação de produtos de minerais não-metálicos | 672 561 | 4,52 | 1 201 275 | 2,84 | 7,00 | 6,57 |
| Metalurgia básica | 136 826 | 0,92 | 322 008 | 0,76 | 0,86 | 0,69 |
| Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos | 384 099 | 2,58 | 1 535 620 | 3,63 | 4,67 | 6,74 |
| Fabricação de máquinas e equipamentos | 1 069 755 | 7,19 | 2 730 726 | 6,45 | 7,98 | 7,30 |
| Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática | 66 086 | 0,44 | 521 130 | 1,23 | 2,35 | 13,53 |
| Fabricação de máquinas e materiais elétricos | 312 589 | 2,10 | 590 571 | 1,39 | 5,22 | 4,12 |
| Fabricação de material eletrônico e equip. de comunicações | 426 471 | 2,87 | 1 258 607 | 2,97 | 5,30 | 11,89 |
| Fabricação de equip. médico-hospitalares e para automação industrial | 127 829 | 0,86 | 356 893 | 0,84 | 5,55 | 6,93 |
| Fabricação e montagem de veículos automotores | 1 598 569 | 10,74 | 5 328 828 | 12,59 | 9,05 | 10,32 |
| Fabricação de outros equipamentos de transporte | 9 877 | 0,07 | 41 740 | 0,10 | 0,25 | 0,35 |
| Fabricação de móveis e indústrias diversas | 491 628 | 3,30 | 1 230 605 | 2,91 | 9,31 | 12,53 |
| Reciclagem | 3 578 | 0,02 | 24 308 | 0,06 | 3,39 | 4,12 |
| TOTAL | 14 877 543 | 100,00 | 42 337 683 | 100,00 | 5,85 | 6,98 |

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

(1) Valores correntes.

Da mesma forma, o aumento da participação do complexo automobilístico na renda gerada pela indústria paranaense decorreu dos investimentos realizados, consolidando a condição do Paraná de terceiro maior polo automotivo do País. No ano de 2007, a atividade de fabricação de veículos automotores respondeu por 12,59% do VTI estadual, acima dos 10,74% registrados em 2000. Em paralelo, evidenciando ainda mais o dinamismo do segmento, houve crescimento da representatividade das montadoras locais no plano nacional, subindo de uma participação de 9,05% no valor da transformação da indústria automobilística brasileira em 2000 para 10,32% em 2007.

Já no que se refere ao ramo de produtos de metal, o bom desempenho deriva principalmente da expansão das atividades de forjaria e estamparia e fabricação de tanques e caldeiras, o que sinaliza incremento na demanda por bens de capital. Finalmente, no que diz respeito à indústria de equipamentos de escritório e informática, cuja importância relativa no VTI paranaense ascendeu de 0,44% para 1,23%, é de conhecimento geral que a notável evolução reflete as operações na Cidade Industrial de Curitiba (CIC) do maior fabricante brasileiro de computadores pessoais, o que garantiu também avanço considerável do Estado na divisão do valor agregado nacional do setor, atingindo participação de 13,53% em 2007, ante os 2,35% anotados em 2000.

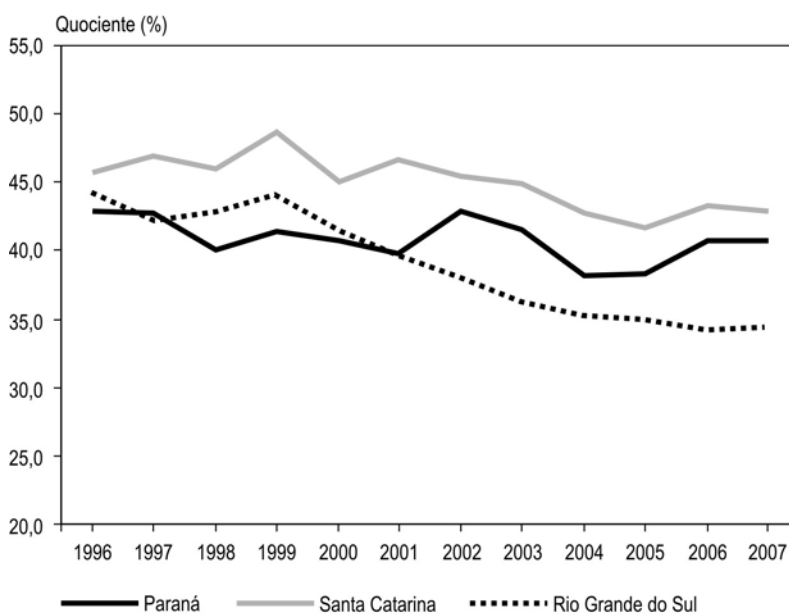
Por outro lado, alguns segmentos tornaram-se muito menos representativos no Paraná, como, por exemplo, as indústrias de papel e celulose (com queda de participação no VTI

estadual de 7,67% para 5,07% no intervalo em análise), minerais não-metálicos (de 4,52% para 2,84%) e borracha e plástico (de 3,19% para 1,97%). No primeiro caso, os números desfavoráveis devem ser imputados à produção de papel, papelão e cartolina, enquanto nos ramos de minerais não-metálicos e borracha e plástico pode-se constatar a influência negativa da fabricação de cimento e matérias plásticas, respectivamente.

Diante de todos esses resultados, conclui-se que a indústria paranaense caminha em direção a uma estrutura produtiva com importante participação de segmentos de média/alta intensidade tecnológica, tendo como exemplos mais marcantes os ramos automotivo e de equipamentos de informática. Simultaneamente, permanecem relevantes algumas atividades tradicionais, o que pode ser comprovado pela estável representatividade da indústria de alimentos e pelos razoáveis aumentos dos pesos relativos dos segmentos madeireiro e de vestuário no VTI estadual. Ademais, é muito expressivo o avanço da indústria petroquímica, acompanhando uma tendência nacional.

Entretanto, ainda há grande espaço para o desenvolvimento industrial. A partir da razão entre o Valor da Transformação Industrial e o Valor Bruto da Produção Industrial (VTI/VBPI), percebe-se que o grau de industrialização do Paraná mantém-se em um patamar intermediário (40,8% em 2007), sendo superado por Santa Catarina no âmbito da Região Sul (gráfico 1). Portanto, existem possibilidades de consideráveis ganhos econômicos com o fortalecimento e o adensamento das cadeias manufatureiras no Estado.

GRÁFICO 1 - RAZÃO ENTRE O VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL E O VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL (VTI/VBPI) - ESTADOS DA REGIÃO SUL - 1996-2007



FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

AGRICULTURA

Bertin investe em Santo Inácio

Após ter adquirido a indústria de laticínios Vigor, em novembro de 2007, a Bertin investirá R\$ 17 milhões em três fábricas: na planta de Santo Inácio, localizada na região Norte Central paranaense, e em suas unidades no Estado de São Paulo. O investimento, a ser realizado a partir de setembro, consistirá na renovação das fábricas, mais especificamente na troca de máquinas para embalagem e pasteurização. Em Santo Inácio, a empresa dedica-se exclusivamente à produção de leite longa vida. Tem o intuito de fortalecer suas marcas nas regiões Sul e Sudeste, principais áreas de atuação, para, posteriormente, expandir-se nacionalmente.

ROCHA, Alda do Amaral. Bertin investe para avançar em lácteos. **Valor Econômico**, São Paulo, 6 maio 2009. Empresas, p. B9.

Investimento de R\$ 1 bilhão é previsto por cooperativas paranaenses

A Organização das Cooperativas do Paraná (OCEPAR) estima que R\$ 1 bilhão sejam investidos no período 2009-2010, apesar da quebra da última safra. Parte dos investimentos será viabilizada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), por meio do Programa de Desenvolvimento Cooperativo para a Agregação de Valor à Produção Agropecuária (PRODECOOP). Cerca de R\$ 583,6 milhões serão destinados à agroindústria (30% desse valor, à avicultura); R\$ 255,3 milhões, à ampliação da capacidade de armazenagem; e R\$ 96,6 milhões, aos setores de administração, tecnologia, geração de energia, proteção ambiental e pesquisa.

Em 2008, o faturamento das cooperativas associadas foi de R\$ 22 bilhões e as exportações alcançaram 1,4 bilhão de dólares, valores respectivamente 34% e 37% superiores a 2007.

LIMA, Marli. Cooperativas do PR planejam investir R\$ 1 bi em 2009/10. **Valor Econômico**, São Paulo, 27 maio 2009. Empresas, p. B12.

ALMEIDA, Newton. Investimentos do setor vão abrir sete mil empregos. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 9 jun. 2009. p. 11.

BRDE financiará expansão da Tyson Foods

A Tyson Foods teve aprovada junto ao Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) uma linha de crédito de R\$ 100 milhões para o financiamento da produção de carne no Paraná e em Santa Catarina, devendo beneficiar cerca de 330 avicultores integrados.

A linha de crédito é válida até junho de 2010 e será dividida por três frigoríficos pertencentes à Tyson Foods. A Frangobras, localizada em Campo Mourão, na região Centro-Occidental do Estado, receberá R\$ 35 milhões, enquanto R\$ 65 milhões serão destinados a duas plantas catarinenses. O financiamento tem prazo de pagamento de oito anos, com juros de 6,75% ao ano. A empresa espera abater aproximadamente 470 mil aves por dia nas três instalações.

LIMA, Marli. Tyson obtém R\$ 100 milhões do BRDE para aviários. **Valor Econômico**, São Paulo, 2 jun. 2009. Agronegócios, p. B12.

* Elaborado com informações disponíveis entre 1.º/05/2009 e 30/06/2009.

** Economista, técnico da equipe permanente desta publicação.

*** Acadêmicos de Ciências Econômicas, estagiários do IPARDES.

COMÉRCIO

Rede Condor investirá em Fazenda Rio Grande

A rede de hipermercados Condor anunciou investimento de R\$ 15 milhões no Município de Fazenda Rio Grande, na Região Metropolitana de Curitiba, destinado à construção do seu 29.º estabelecimento. Estima-se que outros R\$ 80 milhões sejam investidos na construção de novas lojas em 2009.

O VAREJO investe. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 maio 2009. Economia, p. 7.

MM Mercadomóveis expande sua rede

O MM Mercadomóveis, grupo varejista com sede em Ponta Grossa, na região Centro-Oriental do Estado, adquiriu dez lojas da rede catarinense Vieira. A companhia também programou investimento entre R\$ 7 milhões e R\$ 8 milhões de reais para a abertura de dez novos estabelecimentos no Paraná.

Em 2009, é esperado faturamento de R\$ 300 milhões – R\$ 80 milhões superior a 2008. Segundo a empresa, a estimativa favorável está ligada à gradual recuperação da oferta de crédito e à redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos eletrodomésticos de linha branca, que apresentaram aumento de 5% de participação nos negócios da empresa.

RIOS, Cristina. MM compra rede catarinense e quer Dudony. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 31 maio 2009. Economia, p. 2.

Nissei pretende chegar a 165 lojas em 2009

A rede farmacêutica paranaense Nissei planeja abrir 20 novas lojas no Estado em 2009. O projeto, que demandará recursos entre R\$ 10 milhões e R\$ 12 milhões, inclui a compra de quatro farmácias em Guarapuava, região Centro-Sul do Estado. Nos planos, está contemplada a expansão da cadeia para os estados de Santa Catarina e São Paulo.

As perspectivas para 2009 são positivas: a Nissei pretende aumentar em 30% sua receita, estimada entre R\$ 600 milhões e R\$ 630 milhões.

RIOS, Cristina. Crédito encolhe, mas Nissei diz que vai manter planos. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 jun. 2009. p. 18.

INDÚSTRIA

Aikawa instalará fábrica em Curitiba

A Aikawa Advance Fiber Technologies instalará uma unidade no bairro Boqueirão, em Curitiba. A empresa se dedica ao desenvolvimento e à fabricação de equipamentos para a indústria de papel e celulose, especificamente à produção de componentes de filtragem, refino e desidratação de celulose. A empresa japonesa, responsável por 35% do mercado mundial de equipamentos na área, optou pela capital paranaense por sua infraestrutura e sua localização estratégica em relação ao mercado de papel e celulose na América do Sul.

EMPRESA japonesa de tecnologia vem para Curitiba. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 14 maio 2009. p.11.

BSBios compra usina de processamento de biodiesel em Marialva

A empresa gaúcha BSBios, atuante no setor de energia renovável, acertou a compra da usina de processamento de biodiesel em Marialva (região Norte do Estado). Embora o funcionamento da usina estivesse previamente estimado para abril de 2008, a construção – que mobilizou investimentos da ordem de R\$ 60 milhões por parte da Agrenco, atual proprietária – ainda não foi finalizada.

Com a nova usina, estima-se que a BSBios produza 95 milhões de litros de biodiesel em 2010, com faturamento de R\$ 250 milhões. A empresa espera ampliar a produção para 160 milhões de litros nos próximos quatro anos. A BSBios planeja abrir seu capital em 2013.

BSBios inicia produção de biodiesel no PR em janeiro. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 10 jun. 2009. p. 28.

NASCIMENTO, Alexandre Costa. Grupo gaúcho acerta compra de usina em Marialva. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 30 maio 2009. p. 19.

Huhtamaki Brasil é vendida por R\$ 57,3 milhões

A empresa norte-americana Dixie Toga comprou 100% dos ativos da Huhtamaki Plásticos Rígidos Brasil Ltda., localizada em Pinhais, município da Região Metropolitana de Curitiba. A empresa adquirida dedica-se à fabricação de embalagens de plástico rígido para indústria alimentícia e conta com três unidades produtivas no Brasil e uma na Argentina. A Huhtamaki registrou faturamento líquido de R\$ 140 milhões no ano passado.

VIALLI, Andrea. Dixie Toga compra fábricas de grupo finlandês. **O Estado de S. Paulo**, 4 jun. 2009. Economia, p. B16.

DIXIE compra. **Valor Econômico**, São Paulo, 4 jun. 2009. Empresas, p. B1.

Nova fábrica da Leão Júnior

A Coca-Cola inaugurará uma nova planta industrial em Fazenda Rio Grande, na Região Metropolitana de Curitiba. Estima-se que os investimentos serão de cerca de R\$ 20 milhões e que a fábrica, que produzirá chás secos, entre em funcionamento a partir de setembro deste ano. A multinacional norte-americana adquiriu a Leão Júnior em 2007.

LIMA, Marli. Coca-Cola reformula embalagem do chá Leão para crescer além de 5%. **Valor Econômico**, São Paulo, 4 jun. 2009. Empresas, p. B4.

Bosch demite 900 e suspende produção

A multinacional alemã Bosch demitiu, em meados de junho, 900 funcionários de sua planta na Cidade Industrial de Curitiba. Já haviam sido dispensados 300 empregados desde o início de 2009. Os demais 3 mil funcionários receberam licença remunerada de dez dias, período no qual a indústria interrompeu suas atividades. A unidade da Bosch em Curitiba fabrica sistemas de injeção de combustível para motores a *diesel* e exporta 60% de sua produção para indústrias automotivas dos Estados Unidos, da Europa e da Ásia. Desde outubro do ano passado, houve queda de 43% na demanda externa e de 30% nas compras do mercado brasileiro, que passou a produzir menor volume de caminhões e ônibus.

O Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba solicitou a mediação do Ministério Público do Trabalho na negociação com a empresa, visando à reintegração ou à indenização dos demitidos.

DO VALLE, Dimitri. Bosch demite 900 no PR e culpa queda na demanda global. **Folha de S.Paulo**, 19 jun. 2009. Dinheiro, p. B6.

SERVIÇOS

SEBRAE inaugura centro de desenvolvimento de tecnologia

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) proverá suporte para o desenvolvimento de negócios para micro e pequenas empresas do MERCOSUL. Inaugurado em Foz do Iguaçu, em maio, o Centro de Desenvolvimento de Tecnologias para Integração Transfronteiriça funcionará dentro do Parque Tecnológico de Itaipu, visando à transferência de *know-how* aos pequenos empresários da região. Estima-se que o projeto atenderá, até 2011, a 4,7 mil micro e pequenas empresas. Parte dos R\$ 5,8 milhões alocados no projeto foi financiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

PARO, Denise. Pequenas empresas do MERCOSUL ganham apoio. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 7 maio 2009. p. 22.

ALL investirá R\$ 3 bilhões com recursos do BNDES

A América Latina Logística (ALL) investirá R\$ 3 bilhões na compra e na recuperação de locomotivas, bem como na aquisição e reestruturação de mais de 10 mil vagões entre 2009 e 2012, dos quais R\$ 2,15 bilhões serão financiados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). A meta da empresa é expandir a capacidade de transporte de carga a taxas entre 10% e 12% ao ano. Atualmente, a malha operada pela ALL ultrapassa 20 mil quilômetros de extensão.

CIARELLI, Mônica; JUSTUS, Paulo. ALL terá financiamento de R\$ 2,15 do BNDES. **O Estado de S. Paulo**, 10 jun. 2009. Economia, p. B4.

DURÃO, Vera Saavedra. BNDES libera R\$ 2 bilhões para expansão da ALL. **Valor Econômico**, 10 jun. 2009. Empresas, p. B9.

ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1980-2009

continua

| ANO | ALGODÃO | | | ARROZ | | | BATATA-INGLESA | | |
|---------------------|-------------------|--------------|-----------------|-------------------|--------------|-----------------|-------------------|--------------|-----------------|
| | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) |
| 1980 | 336 000 | 561 519 | 1 671 | 390 545 | 638 000 | 1 636 | 42 630 | 521 762 | 12 239 |
| 1981 | 305 790 | 581 000 | 1 900 | 275 000 | 493 632 | 1 793 | 39 146 | 459 357 | 11 734 |
| 1982 | 369 500 | 739 000 | 2 000 | 204 000 | 256 620 | 1 258 | 50 460 | 603 553 | 11 961 |
| 1983 | 440 000 | 695 608 | 1 581 | 216 400 | 368 313 | 1 702 | 45 004 | 422 870 | 9 396 |
| 1984 | 322 124 | 611 865 | 1 899 | 196 700 | 242 570 | 1 233 | 40 904 | 505 915 | 12 368 |
| 1985 | 540 000 | 1 035 661 | 1 918 | 200 000 | 296 000 | 1 480 | 38 992 | 497 522 | 12 760 |
| 1986 | 415 000 | 768 434 | 1 852 | 140 000 | 206 000 | 1 411 | 40 509 | 416 596 | 10 284 |
| 1987 | 386 000 | 711 880 | 1 844 | 202 923 | 342 844 | 1 690 | 50 155 | 662 129 | 13 202 |
| 1988 | 470 000 | 903 107 | 1 922 | 188 615 | 316 732 | 1 679 | 49 464 | 654 282 | 13 227 |
| 1989 | 415 091 | 805 277 | 1 940 | 163 633 | 295 698 | 1 807 | 39 622 | 502 158 | 12 673 |
| 1990 | 490 000 | 852 600 | 1 740 | 151 003 | 253 501 | 1 679 | 41 285 | 616 498 | 14 933 |
| 1991 | 618 000 | 1 024 111 | 1 657 | 121 297 | 163 056 | 1 909 | 41 650 | 653 824 | 15 698 |
| 1992 | 704 498 | 972 804 | 1 381 | 134 000 | 217 200 | 1 621 | 43 925 | 683 500 | 15 561 |
| 1993 | 345 000 | 448 081 | 1 299 | 127 500 | 232 500 | 1 824 | 40 800 | 624 872 | 15 315 |
| 1994 | 235 000 | 422 541 | 1 798 | 105 301 | 217 466 | 2 065 | 45 069 | 643 865 | 14 286 |
| 1995 | 282 760 | 529 977 | 1 874 | 108 600 | 225 000 | 2 072 | 43 038 | 620 300 | 14 413 |
| 1996 | 182 700 | 287 061 | 1 571 | 96 300 | 205 000 | 2 129 | 49 236 | 716 000 | 14 542 |
| 1997 | 59 874 | 110 000 | 1 837 | 85 487 | 176 057 | 2 059 | 45 399 | 665 840 | 14 666 |
| 1998 | 112 994 | 170 358 | 1 508 | 80 521 | 170 080 | 2 113 | 43 510 | 571 854 | 13 143 |
| 1999 | 48 161 | 109 144 | 2 266 | 81 894 | 186 880 | 2 282 | 41 931 | 615 832 | 14 687 |
| 2000 | 54 420 | 126 051 | 2 316 | 79 823 | 179 885 | 2 254 | 36 448 | 648 376 | 17 789 |
| 2001 | 71 264 | 174 854 | 2 454 | 78 568 | 186 678 | 2 376 | 32 661 | 594 124 | 18 191 |
| 2002 | 35 958 | 83 970 | 2 335 | 75 717 | 185 245 | 2 447 | 33 782 | 659 353 | 19 518 |
| 2003 | 30 066 | 71 744 | 2 386 | 71 543 | 193 493 | 2 705 | 30 527 | 609 007 | 19 950 |
| 2004 | 47 247 | 89 944 | 1 904 | 68 051 | 182 090 | 2 676 | 29 336 | 580 350 | 19 783 |
| 2005 | 57 080 | 78 748 | 1 380 | 59 607 | 137 050 | 2 299 | 27 513 | 529 977 | 19 263 |
| 2006 | 13 870 | 22 567 | 1 627 | 59 287 | 171 913 | 2 900 | 28 239 | 585 310 | 20 727 |
| 2007 | 12 253 | 25 902 | 2 114 | 54 197 | 174 254 | 3 215 | 27 338 | 600 666 | 21 972 |
| 2008 | 6 496 | 16 089 | 2 477 | 47 019 | 172 737 | 3 674 | 27 740 | 680 160 | 24 519 |
| 2009 ⁽¹⁾ | 3 378 | 7 831 | 2 318 | 44 159 | 168 653 | 3 819 | 25 879 | 559 101 | 21 604 |

| ANO | CAFÉ | | | CANA-DE-AÇÚCAR | | | CEVADA | | |
|---------------------|-------------------|--------------|-----------------|-------------------|--------------|-----------------|-------------------|--------------|-----------------|
| | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) |
| 1980 | 734 152 | 180 000 | 245 | 57 990 | 4 451 480 | 76 763 | 30 172 | 39 172 | 1 298 |
| 1981 | 700 000 | 498 000 | 711 | 69 120 | 4 888 038 | 70 712 | 34 775 | 35 392 | 1 017 |
| 1982 | 303 000 | 96 000 | 317 | 90 000 | 6 840 000 | 76 000 | 35 950 | 27 247 | 758 |
| 1983 | 440 000 | 354 000 | 805 | 110 930 | 9 664 965 | 87 127 | 21 442 | 18 915 | 882 |
| 1984 | 424 000 | 252 000 | 594 | 121 696 | 8 428 836 | 69 261 | 19 574 | 18 400 | 940 |
| 1985 | 424 000 | 318 000 | 750 | 140 878 | 10 425 000 | 74 000 | 36 297 | 65 512 | 1 722 |
| 1986 | 422 825 | 120 000 | 284 | 160 000 | 11 600 000 | 72 500 | 27 600 | 60 000 | 2 174 |
| 1987 | 430 000 | 510 000 | 1 186 | 160 420 | 11 911 431 | 74 252 | 40 670 | 92 000 | 2 262 |
| 1988 | 505 581 | 114 000 | 226 | 156 497 | 11 856 032 | 75 759 | 42 498 | 49 485 | 1 164 |
| 1989 | 493 324 | 267 039 | 541 | 153 539 | 11 401 852 | 74 260 | 40 402 | 102 351 | 2 532 |
| 1990 | 426 391 | 156 702 | 368 | 159 417 | 11 736 412 | 73 621 | 28 213 | 50 844 | 1 802 |
| 1991 | 383 355 | 201 922 | 527 | 172 296 | 12 500 000 | 72 550 | 22 974 | 31 052 | 1 352 |
| 1992 | 296 000 | 108 000 | 365 | 184 000 | 13 350 000 | 72 554 | 17 700 | 43 326 | 2 448 |
| 1993 | 230 000 | 100 000 | 435 | 196 000 | 14 000 000 | 71 429 | 23 946 | 48 860 | 2 040 |
| 1994 | 184 351 | 81 990 | 445 | 215 796 | 15 945 937 | 73 894 | 14 207 | 27 975 | 1 969 |
| 1995 | 13 750 | 7 350 | 535 | 255 000 | 18 870 000 | 74 000 | 20 235 | 30 800 | 1 515 |
| 1996 | 134 000 | 67 000 | 500 | 294 000 | 23 000 000 | 78 231 | 26 110 | 85 430 | 3 272 |
| 1997 | 127 895 | 109 630 | 858 | 306 000 | 24 500 000 | 80 065 | 36 971 | 106 030 | 2 868 |
| 1998 | 128 127 | 135 707 | 1 060 | 310 344 | 26 640 767 | 85 843 | 42 957 | 84 371 | 1 964 |
| 1999 | 136 642 | 141 813 | 1 038 | 338 939 | 27 016 957 | 79 710 | 31 864 | 78 722 | 2 471 |
| 2000 | 142 118 | 132 435 | 932 | 327 147 | 23 190 410 | 70 887 | 32 135 | 69 146 | 2 152 |
| 2001 | 63 304 | 28 299 | 447 | 337 574 | 27 156 281 | 80 445 | 40 456 | 76 209 | 1 884 |
| 2002 | 129 313 | 139 088 | 1 076 | 358 312 | 28 120 716 | 78 481 | 46 750 | 77 862 | 1 665 |
| 2003 | 126 349 | 117 274 | 928 | 375 698 | 32 721 425 | 87 095 | 53 479 | 184 786 | 3 455 |
| 2004 | 117 376 | 152 260 | 1 297 | 398 969 | 33 552 515 | 84 098 | 53 819 | 167 450 | 3 111 |
| 2005 | 106 303 | 86 417 | 813 | 397 825 | 28 011 069 | 70 411 | 54 712 | 127 661 | 2 333 |
| 2006 | 100 973 | 139 376 | 1 380 | 444 723 | 34 461 627 | 77 490 | 31 745 | 106 891 | 3 367 |
| 2007 | 97 623 | 103 698 | 1 062 | 554 855 | 46 539 991 | 83 878 | 46 679 | 134 414 | 2 880 |
| 2008 | 96 804 | 157 882 | 1 631 | 601 656 | 50 958 155 | 84 696 | 36 551 | 150 241 | 4 110 |
| 2009 ⁽¹⁾ | 85 489 | 95 394 | 1 116 | 628 582 | 52 877 426 | 84 122 | 43 410 | 156 948 | 3 615 |

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1980-2009

conclusão

| ANO | FEIJÃO | | | MANDIOCA | | | MILHO | | |
|---------------------|-------------------|--------------|-----------------|-------------------|--------------|-----------------|-------------------|--------------|-----------------|
| | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) |
| 1980 | 815 088 | 462 250 | 567 | 44 640 | 887 810 | 19 888 | 2 156 508 | 5 466 967 | 2 535 |
| 1981 | 852 835 | 570 860 | 669 | 58 700 | 1 100 380 | 18 746 | 2 161 999 | 5 363 109 | 2 481 |
| 1982 | 879 990 | 666 800 | 758 | 62 500 | 1 218 750 | 19 500 | 2 276 700 | 5 430 000 | 2 385 |
| 1983 | 699 685 | 347 035 | 496 | 69 870 | 1 452 870 | 20 794 | 2 361 800 | 5 018 870 | 2 125 |
| 1984 | 741 001 | 479 108 | 647 | 73 688 | 1 446 258 | 19 627 | 2 447 000 | 5 400 000 | 2 207 |
| 1985 | 723 764 | 499 617 | 690 | 85 800 | 1 722 864 | 20 080 | 2 332 840 | 5 803 713 | 2 488 |
| 1986 | 627 604 | 215 701 | 344 | 85 800 | 1 700 000 | 19 814 | 2 300 000 | 4 300 000 | 1 870 |
| 1987 | 754 210 | 391 355 | 519 | 85 445 | 1 853 950 | 21 698 | 2 846 000 | 7 641 800 | 2 685 |
| 1988 | 741 920 | 457 692 | 617 | 85 242 | 1 855 328 | 21 765 | 2 269 862 | 5 558 805 | 2 449 |
| 1989 | 528 741 | 223 031 | 422 | 77 349 | 1 622 846 | 20 981 | 2 137 234 | 5 296 080 | 2 478 |
| 1990 | 550 591 | 279 028 | 507 | 101 854 | 2 184 599 | 21 448 | 2 079 784 | 5 160 823 | 2 481 |
| 1991 | 624 036 | 348 332 | 558 | 102 265 | 2 261 788 | 22 117 | 2 358 797 | 4 827 112 | 2 046 |
| 1992 | 595 894 | 461 162 | 774 | 100 000 | 2 100 000 | 21 000 | 2 610 000 | 7 370 000 | 2 824 |
| 1993 | 545 800 | 444 000 | 813 | 137 000 | 3 014 000 | 22 000 | 2 703 000 | 8 158 000 | 3 018 |
| 1994 | 589 479 | 526 209 | 893 | 157 625 | 3 419 935 | 21 700 | 2 512 859 | 8 162 472 | 3 248 |
| 1995 | 487 309 | 422 451 | 867 | 144 000 | 3 168 000 | 22 000 | 2 727 800 | 8 960 400 | 3 285 |
| 1996 | 596 125 | 490 854 | 823 | 115 232 | 2 500 000 | 21 695 | 2 463 000 | 7 911 000 | 3 212 |
| 1997 | 557 123 | 475 458 | 853 | 144 500 | 2 600 000 | 17 993 | 2 503 003 | 7 752 217 | 3 097 |
| 1998 | 564 537 | 494 556 | 876 | 149 934 | 3 241 800 | 21 622 | 2 229 524 | 7 935 376 | 3 559 |
| 1999 | 680 317 | 570 097 | 838 | 164 258 | 3 446 805 | 20 984 | 2 520 818 | 8 777 465 | 3 482 |
| 2000 | 541 082 | 500 948 | 926 | 182 850 | 3 779 827 | 20 672 | 2 233 858 | 7 367 262 | 3 298 |
| 2001 | 428 343 | 470 214 | 1 098 | 172 815 | 3 614 859 | 20 918 | 2 820 597 | 12 689 549 | 4 499 |
| 2002 | 526 457 | 629 059 | 1 195 | 142 892 | 3 463 968 | 24 242 | 2 461 816 | 9 857 504 | 4 004 |
| 2003 | 544 906 | 718 084 | 1 318 | 108 097 | 2 476 346 | 22 909 | 2 843 704 | 14 403 495 | 5 065 |
| 2004 | 503 585 | 664 333 | 1 319 | 150 217 | 2 956 771 | 19 683 | 2 464 652 | 10 953 869 | 4 444 |
| 2005 | 435 201 | 554 670 | 1 275 | 166 885 | 3 346 333 | 20 052 | 2 003 080 | 8 545 711 | 4 266 |
| 2006 | 589 741 | 819 094 | 1 389 | 169 705 | 3 789 166 | 22 328 | 2 507 903 | 11 697 442 | 4 664 |
| 2007 | 545 239 | 769 399 | 1 411 | 173 235 | 3 762 445 | 21 719 | 2 730 179 | 13 835 369 | 5 068 |
| 2008 | 508 273 | 776 971 | 1 529 | 149 350 | 3 449 726 | 23 098 | 2 969 632 | 15 414 362 | 5 191 |
| 2009 ⁽¹⁾ | 633 377 | 756 390 | 1 194 | 192 136 | 4 008 109 | 20 861 | 2 770 363 | 11 025 168 | 3 980 |

| ANO | RAMI | | | SOJA | | | TRIGO | | |
|---------------------|-------------------|--------------|-----------------|-------------------|--------------|-----------------|-------------------|--------------|-----------------|
| | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) | Área Colhida (ha) | Produção (t) | Produt. (kg/ha) |
| 1980 | 6 780 | 17 000 | 2 507 | 2 410 000 | 5 400 000 | 2 241 | 1 440 000 | 1 350 000 | 937 |
| 1981 | 7 160 | 10 164 | 1 420 | 2 266 200 | 4 983 210 | 2 199 | 785 000 | 915 000 | 1 166 |
| 1982 | 5 818 | 9 477 | 1 629 | 2 100 000 | 4 200 000 | 2 000 | 1 175 000 | 1 025 000 | 872 |
| 1983 | 4 670 | 9 583 | 2 052 | 2 022 000 | 4 315 000 | 2 134 | 898 265 | 1 066 000 | 1 187 |
| 1984 | 4 495 | 9 625 | 2 141 | 2 177 900 | 4 121 000 | 1 892 | 829 211 | 1 113 009 | 1 342 |
| 1985 | 4 887 | 10 004 | 2 047 | 2 196 370 | 4 413 000 | 2 009 | 1 295 548 | 2 696 023 | 2 081 |
| 1986 | 5 530 | 7 000 | 1 266 | 1 745 000 | 2 600 000 | 1 490 | 1 947 000 | 2 950 000 | 1 115 |
| 1987 | 7 100 | 15 500 | 2 183 | 1 718 000 | 3 810 000 | 2 218 | 1 717 500 | 3 300 000 | 1 921 |
| 1988 | 8 162 | 19 060 | 2 335 | 2 123 379 | 4 771 264 | 2 247 | 1 773 797 | 3 250 000 | 1 832 |
| 1989 | 8 030 | 9 193 | 1 145 | 2 399 993 | 5 031 297 | 2 096 | 1 829 680 | 3 207 000 | 1 753 |
| 1990 | 7 139 | 10 183 | 1 426 | 2 267 638 | 4 649 752 | 2 050 | 1 197 149 | 1 394 052 | 1 164 |
| 1991 | 5 595 | 7 999 | 1 430 | 1 972 538 | 3 531 216 | 1 790 | 1 082 358 | 1 825 959 | 1 687 |
| 1992 | 5 300 | 6 500 | 1 226 | 1 794 000 | 3 417 000 | 1 905 | 1 220 000 | 1 600 000 | 1 311 |
| 1993 | 5 650 | 7 200 | 1 548 | 2 076 000 | 4 817 000 | 2 320 | 696 000 | 1 023 000 | 1 470 |
| 1994 | 3 482 | 3 992 | 1 146 | 2 154 077 | 5 332 893 | 2 476 | 599 070 | 1 012 439 | 1 690 |
| 1995 | 2 913 | 2 922 | 1 003 | 2 199 720 | 5 624 440 | 2 557 | 579 000 | 960 000 | 1 658 |
| 1996 | 2 550 | 4 970 | 1 940 | 2 392 000 | 6 448 800 | 2 696 | 1 024 480 | 1 977 030 | 1 930 |
| 1997 | 1 816 | 3 616 | 1 991 | 2 551 651 | 6 582 273 | 2 580 | 899 024 | 1 629 226 | 1 812 |
| 1998 | 818 | 1 615 | 1 974 | 2 858 697 | 7 313 460 | 2 558 | 893 302 | 1 509 420 | 1 690 |
| 1999 | 465 | 992 | 2 133 | 2 786 857 | 7 752 472 | 2 782 | 707 518 | 1 446 782 | 2 045 |
| 2000 | 465 | 1 006 | 2 163 | 2 859 362 | 7 199 810 | 2 518 | 437 761 | 599 355 | 1 369 |
| 2001 | 387 | 865 | 2 235 | 2 821 906 | 8 628 469 | 3 058 | 873 465 | 1 840 114 | 2 107 |
| 2002 | 470 | 1 357 | 2 887 | 3 316 379 | 9 565 905 | 2 884 | 1 035 501 | 1 557 547 | 1 504 |
| 2003 | 539 | 1 361 | 2 525 | 3 653 266 | 11 018 749 | 3 016 | 1 197 192 | 3 121 534 | 2 607 |
| 2004 | 539 | 1 197 | 2 221 | 4 007 099 | 10 221 323 | 2 551 | 1 358 592 | 3 051 213 | 2 246 |
| 2005 | 539 | 1 118 | 2 074 | 4 147 006 | 9 535 660 | 2 299 | 1 273 243 | 2 800 094 | 2 199 |
| 2006 | 447 | 1 221 | 2 732 | 3 948 520 | 9 466 405 | 2 397 | 762 339 | 1 204 747 | 1 580 |
| 2007 | 394 | 1 072 | 2 721 | 4 001 443 | 11 882 704 | 2 970 | 820 948 | 1 863 716 | 2 270 |
| 2008 | 447 | 1 023 | 2 289 | 3 967 764 | 11 764 466 | 2 965 | 1 153 251 | 3 216 590 | 2 789 |
| 2009 ⁽¹⁾ | 418 | 990 | 2 368 | 4 061 323 | 9 460 816 | 2 329 | 1 229 314 | 3 256 985 | 2 649 |

FONTES: SEAB/DERAL, IBGE

(1) Estimativa.

TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS - PARANÁ - 1997-MAR 2009

| PERÍODO | PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t) | | | PERÍODO | PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t) | | |
|-----------|-----------------------------|---------|---------|---------------------|-----------------------------|---------|---------|
| | Aves | Bovinos | Suínos | | Aves | Bovinos | Suínos |
| 1997 | 720 154 | 225 021 | 189 459 | Junho | 202 923 | 23 431 | 39 267 |
| 1998 | 854 517 | 236 358 | 193 435 | Julho | 227 475 | 18 142 | 40 843 |
| 1999 | 957 237 | 198 873 | 229 466 | Agosto | 204 680 | 19 574 | 37 427 |
| 2000 | 1 041 412 | 181 113 | 235 315 | Setembro | 214 748 | 23 352 | 38 650 |
| 2001 | 1 121 828 | 197 985 | 263 451 | Outubro | 226 221 | 27 203 | 40 560 |
| 2002 | 1 235 681 | 219 350 | 333 951 | Novembro | 210 898 | 22 824 | 36 199 |
| 2003 | 1 344 398 | 219 774 | 359 139 | Dezembro | 197 247 | 28 057 | 39 768 |
| 2004 | 1 557 747 | 276 808 | 340 568 | 2009 ⁽¹⁾ | 595 575 | 56 612 | 117 206 |
| 2005 | 1 788 481 | 308 947 | 367 765 | Janeiro | 197 668 | 21 742 | 39 155 |
| 2006 | 1 856 061 | 316 897 | 390 394 | Fevereiro | 188 107 | 15 748 | 38 572 |
| 2007 | 2 057 318 | 295 010 | 437 152 | Março | 209 800 | 19 122 | 39 479 |
| 2008 | 2 480 908 | 279 609 | 454 340 | | | | |
| Janeiro | 209 736 | 23 875 | 36 983 | | | | |
| Fevereiro | 186 985 | 21 375 | 33 944 | | | | |
| Março | 195 757 | 20 218 | 34 780 | | | | |
| Abril | 201 869 | 24 939 | 37 634 | | | | |
| Mai | 202 366 | 26 619 | 38 286 | | | | |

FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais

(1) Resultados preliminares.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-MAIO 2009

| ANO | BÁSICOS | | INDUSTRIALIZADOS | | | | OPERAÇÕES ESPECIAIS | | TOTAL (US\$ mil FOB) |
|---------------------|--------------|-----------|-------------------|-----------|---------------|-----------|---------------------|-----------|----------------------|
| | | | Semimanufaturados | | Manufaturados | | | | |
| | US\$ mil FOB | Part. (%) | US\$ mil FOB | Part. (%) | US\$ mil FOB | Part. (%) | US\$ mil FOB | Part. (%) | |
| 1980 | 1 525 496 | 76,47 | 204 013 | 10,23 | 235 955 | 11,83 | 29 385 | 1,47 | 1 994 849 |
| 1981 | 1 578 294 | 65,71 | 250 316 | 10,42 | 541 587 | 22,55 | 31 827 | 1,33 | 2 402 024 |
| 1982 | 1 140 108 | 68,07 | 106 669 | 6,37 | 409 124 | 24,43 | 19 022 | 1,14 | 1 674 923 |
| 1983 | 1 012 405 | 69,20 | 79 971 | 5,47 | 349 526 | 23,89 | 21 043 | 1,44 | 1 462 945 |
| 1984 | 966 205 | 52,45 | 177 247 | 9,62 | 671 435 | 36,45 | 27 086 | 1,47 | 1 841 973 |
| 1985 | 928 902 | 50,89 | 175 665 | 9,62 | 698 346 | 38,26 | 22 551 | 1,24 | 1 825 464 |
| 1986 | 688 996 | 56,59 | 43 324 | 3,56 | 472 821 | 38,84 | 12 339 | 1,01 | 1 217 480 |
| 1987 | 969 288 | 59,14 | 120 707 | 7,37 | 533 758 | 32,57 | 15 169 | 0,93 | 1 638 922 |
| 1988 | 1 167 554 | 58,21 | 149 328 | 7,45 | 678 177 | 33,81 | 10 573 | 0,53 | 2 005 632 |
| 1989 | 1 192 665 | 60,13 | 178 327 | 8,99 | 601 886 | 30,35 | 10 462 | 0,53 | 1 983 340 |
| 1990 | 1 035 355 | 55,42 | 203 537 | 10,90 | 618 389 | 33,10 | 10 887 | 0,58 | 1 868 168 |
| 1991 | 939 248 | 51,75 | 179 988 | 9,96 | 678 770 | 37,56 | 13 223 | 0,73 | 1 807 229 |
| 1992 | 1 067 932 | 50,61 | 206 642 | 9,79 | 822 506 | 38,98 | 12 959 | 0,61 | 2 110 039 |
| 1993 | 1 191 871 | 48,04 | 192 267 | 7,75 | 1 081 457 | 43,59 | 15 548 | 0,63 | 2 481 143 |
| 1994 | 1 459 424 | 41,62 | 487 597 | 13,90 | 1 538 079 | 43,86 | 21 649 | 0,62 | 3 506 749 |
| 1995 | 1 439 114 | 40,34 | 646 613 | 18,13 | 1 463 107 | 41,01 | 18 511 | 0,52 | 3 567 346 |
| 1996 | 2 081 290 | 49,02 | 576 682 | 13,58 | 1 562 959 | 36,81 | 24 974 | 0,59 | 4 245 905 |
| 1997 | 2 524 220 | 52,01 | 560 259 | 11,54 | 1 740 382 | 35,86 | 28 727 | 0,59 | 4 853 587 |
| 1998 | 1 918 814 | 45,38 | 665 062 | 15,73 | 1 614 175 | 38,18 | 29 944 | 0,71 | 4 227 995 |
| 1999 | 1 735 679 | 44,14 | 626 797 | 15,94 | 1 528 134 | 38,86 | 41 954 | 1,07 | 3 932 564 |
| 2000 | 1 661 224 | 37,82 | 498 625 | 11,35 | 2 156 708 | 49,10 | 75 534 | 1,72 | 4 392 091 |
| 2001 | 2 280 929 | 42,89 | 561 244 | 10,55 | 2 414 089 | 45,40 | 61 247 | 1,15 | 5 317 509 |
| 2002 | 2 383 978 | 41,82 | 668 790 | 11,73 | 2 574 063 | 45,16 | 73 368 | 1,29 | 5 700 199 |
| 2003 | 2 984 894 | 41,73 | 877 823 | 12,27 | 3 212 969 | 44,92 | 77 549 | 1,08 | 7 153 235 |
| 2004 | 3 908 802 | 41,60 | 969 038 | 10,31 | 4 428 832 | 47,13 | 89 862 | 0,96 | 9 396 534 |
| 2005 | 3 297 487 | 32,90 | 993 480 | 9,91 | 5 597 653 | 55,85 | 134 049 | 1,31 | 10 022 669 |
| 2006 | 2 930 533 | 29,30 | 1 146 908 | 11,47 | 5 742 323 | 57,41 | 182 177 | 1,82 | 10 001 941 |
| 2007 | 4 233 777 | 34,27 | 1 318 847 | 10,68 | 6 630 908 | 53,68 | 169 325 | 1,37 | 12 352 857 |
| 2008 ⁽¹⁾ | 5 787 485 | 37,96 | 1 611 541 | 10,57 | 7 540 591 | 49,46 | 307 620 | 2,02 | 15 247 237 |
| 2009 ⁽¹⁾ | 2 196 354 | 49,51 | 440 338 | 9,93 | 1 735 303 | 39,11 | 64 406 | 1,45 | 4 436 452 |
| Janeiro | 280 167 | 37,52 | 129 165 | 17,30 | 327 767 | 43,90 | 9 563 | 1,28 | 746 662 |
| Fevereiro | 235 141 | 39,42 | 36 849 | 6,18 | 313 397 | 52,53 | 11 161 | 1,87 | 596 549 |
| Março | 408 013 | 47,68 | 62 630 | 7,32 | 372 229 | 43,50 | 12 825 | 1,50 | 855 697 |
| Abril | 652 127 | 58,14 | 99 882 | 8,90 | 355 074 | 31,65 | 14 619 | 1,30 | 1 121 702 |
| Mai | 620 907 | 55,64 | 111 861 | 10,02 | 366 836 | 32,88 | 16 238 | 1,46 | 1 115 842 |

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 4 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1994-MAIO 2009

| ANO | PARANÁ (US\$ MIL FOB) | | | BRASIL (US\$ MIL FOB) | | |
|---------------------|-----------------------|------------|-----------|-----------------------|-------------|------------|
| | Exportação | Importação | Saldo | Exportação | Importação | Saldo |
| 1994 | 3 506 749 | 1 589 440 | 1 917 309 | 43 545 167 | 33 052 686 | 10 492 484 |
| 1995 | 3 567 346 | 2 390 291 | 1 177 055 | 46 506 281 | 49 971 895 | -3 465 614 |
| 1996 | 4 245 905 | 2 434 373 | 1 811 172 | 47 746 726 | 53 345 767 | -5 599 039 |
| 1997 | 4 853 587 | 3 306 968 | 1 547 276 | 52 990 115 | 59 747 227 | -6 752 887 |
| 1998 | 4 227 995 | 4 057 589 | 170 406 | 51 139 862 | 57 763 476 | -6 623 614 |
| 1999 | 3 932 564 | 3 699 957 | 232 607 | 48 011 444 | 49 294 639 | -1 283 195 |
| 2000 | 4 392 091 | 4 685 381 | -293 290 | 55 085 595 | 55 838 590 | -752 994 |
| 2001 | 5 317 509 | 4 929 457 | 388 052 | 58 222 642 | 55 572 176 | 2 650 436 |
| 2002 | 5 700 199 | 3 333 814 | 2 366 386 | 60 361 786 | 47 236 752 | 13 125 034 |
| 2003 | 7 153 235 | 3 486 013 | 3 667 222 | 73 084 140 | 48 304 598 | 24 779 541 |
| 2004 | 9 396 534 | 4 026 197 | 5 370 337 | 96 475 244 | 62 813 151 | 33 662 093 |
| 2005 | 10 022 669 | 4 527 172 | 5 495 497 | 118 308 387 | 73 597 900 | 44 710 487 |
| 2006 | 10 001 941 | 5 977 953 | 4 023 988 | 137 469 700 | 91 383 878 | 46 085 822 |
| 2007 | 12 352 857 | 9 017 988 | 3 334 870 | 160 649 073 | 120 617 446 | 40 031 627 |
| 2008 ⁽¹⁾ | 15 247 237 | 14 570 362 | 676 874 | 197 942 443 | 173 196 634 | 24 745 809 |
| Janeiro | 1 022 941 | 803 112 | 219 829 | 13 276 884 | 12 334 133 | 942 751 |
| Fevereiro | 974 475 | 1 092 216 | -117 741 | 12 799 920 | 11 919 588 | 880 331 |
| Março | 1 102 108 | 851 965 | 250 143 | 12 612 775 | 11 600 581 | 1 012 194 |
| Abril | 1 188 507 | 631 861 | 556 646 | 14 058 430 | 12 313 260 | 1 745 171 |
| Maio | 1 871 670 | 1 839 228 | 32 442 | 19 303 363 | 15 228 545 | 4 074 818 |
| Junho | 1 487 237 | 1 380 759 | 106 477 | 18 593 307 | 15 874 848 | 2 718 459 |
| Julho | 1 806 000 | 1 668 672 | 137 329 | 20 451 410 | 17 148 659 | 3 302 751 |
| Agosto | 1 373 400 | 1 365 898 | 7 502 | 19 746 867 | 17 472 187 | 2 274 680 |
| Setembro | 1 359 051 | 1 353 411 | 5 640 | 20 017 208 | 17 262 870 | 2 754 337 |
| Outubro | 1 215 134 | 1 577 236 | -362 102 | 18 512 308 | 17 305 138 | 1 207 169 |
| Novembro | 868 686 | 970 847 | -102 161 | 14 752 573 | 13 140 212 | 1 612 361 |
| Dezembro | 979 262 | 1 035 165 | -55 903 | 13 817 398 | 11 516 629 | 2 300 769 |
| 2009 ⁽¹⁾ | 4 436 452 | 3 088 769 | 1 347 683 | 55 483 754 | 46 122 519 | 9 361 235 |
| Janeiro | 746 662 | 579 813 | 166 849 | 9 781 920 | 10 311 539 | -529 619 |
| Fevereiro | 596 549 | 556 821 | 39 728 | 9 586 406 | 7 820 804 | 1 765 602 |
| Março | 855 697 | 670 848 | 184 849 | 11 809 225 | 10 043 205 | 1 766 020 |
| Abril | 1 121 702 | 602 926 | 518 775 | 12 321 617 | 8 612 966 | 3 708 651 |
| Maio | 1 115 842 | 678 360 | 437 482 | 11 984 585 | 9 334 005 | 2 650 581 |

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 5 - ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA DO PARANÁ - 2000-ABR 2009

| ATIVIDADE | ÍNDICE (base fixa: 2003 = 100) | | | | | | | | | | | | |
|---|--------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|
| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | Jan./08 | Fev./08 | Mar./08 | Abr./08 |
| Combustíveis e lubrificantes | 78,08 | 80,11 | 93,81 | 100,00 | 103,84 | 101,62 | 84,92 | 87,15 | 89,35 | 76,56 | 81,56 | 88,22 | 86,35 |
| Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo | 112,36 | 109,77 | 103,46 | 100,00 | 111,47 | 103,67 | 109,97 | 117,21 | 121,61 | 118,39 | 112,34 | 131,79 | 119,37 |
| Hipermercados e supermercados | 111,21 | 109,32 | 103,38 | 100,00 | 111,52 | 102,85 | 108,97 | 116,19 | 120,35 | 117,68 | 111,40 | 130,69 | 118,11 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 107,72 | 108,87 | 95,83 | 100,00 | 107,38 | 108,34 | 106,77 | 112,28 | 117,36 | 113,12 | 85,23 | 99,63 | 128,54 |
| Móveis e eletrodomésticos | 99,69 | 95,18 | 93,66 | 100,00 | 129,42 | 146,38 | 159,09 | 178,86 | 196,48 | 202,10 | 157,89 | 181,37 | 175,80 |
| Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos | ... | ... | ... | 100,00 | 106,49 | 117,25 | 124,58 | 131,60 | 149,73 | 133,32 | 123,26 | 142,56 | 131,88 |
| Livros, jornais, revistas e papelaria | ... | ... | ... | 100,00 | 86,81 | 86,80 | 83,57 | 87,13 | 99,02 | 114,83 | 118,99 | 107,01 | 82,86 |
| Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação | ... | ... | ... | 100,00 | 97,82 | 173,86 | 263,35 | 338,15 | 630,14 | 425,62 | 324,40 | 358,38 | 407,68 |
| Outros artigos de uso pessoal e doméstico | ... | ... | ... | 100,00 | 114,68 | 130,80 | 151,90 | 165,88 | 195,16 | 167,21 | 141,05 | 185,60 | 161,48 |
| COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL | 100,72 | 99,82 | 99,14 | 100,00 | 111,28 | 110,20 | 113,42 | 121,49 | 129,84 | 123,75 | 112,01 | 129,92 | 123,82 |

| ATIVIDADE | ÍNDICE (base fixa: 2003 = 100) | | | | | | | | | | | | |
|---|--------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|--------|---------|---------|---------|---------|
| | Mai/08 | Jun./08 | Jul./08 | Ago./08 | Set./08 | Out./08 | Nov./08 | Dez./08 | 2009 | Jan./09 | Fev./09 | Mar./09 | Abr./09 |
| Combustíveis e lubrificantes | 91,23 | 97,78 | 94,77 | 101,59 | 101,01 | 88,57 | 81,49 | 83,10 | 88,02 | 85,46 | 82,77 | 96,66 | 87,17 |
| Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo | 116,07 | 110,01 | 113,27 | 119,88 | 116,97 | 124,19 | 122,16 | 154,87 | 121,07 | 120,57 | 111,93 | 120,47 | 131,32 |
| Hipermercados e supermercados | 114,48 | 108,78 | 111,90 | 118,53 | 115,45 | 122,77 | 120,83 | 153,54 | 119,83 | 119,31 | 110,69 | 119,20 | 130,10 |
| Tecidos, vestuário e calçados | 133,14 | 114,23 | 111,10 | 112,42 | 113,61 | 103,49 | 100,90 | 192,86 | 99,10 | 109,25 | 80,52 | 93,23 | 113,39 |
| Móveis e eletrodomésticos | 208,00 | 183,11 | 198,97 | 197,05 | 189,80 | 203,93 | 190,79 | 268,94 | 174,53 | 198,41 | 153,95 | 177,40 | 168,37 |
| Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos | 150,59 | 143,68 | 157,74 | 152,41 | 152,40 | 154,45 | 158,46 | 196,02 | 161,31 | 156,00 | 150,76 | 170,11 | 168,36 |
| Livros, jornais, revistas e papelaria | 81,47 | 91,84 | 97,00 | 107,56 | 101,66 | 70,84 | 68,23 | 145,89 | 122,94 | 142,86 | 116,74 | 129,48 | 102,67 |
| Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação | 397,94 | 440,81 | 483,56 | 1034,15 | 1014,53 | 899,24 | 845,84 | 929,57 | 905,87 | 838,04 | 913,84 | 956,62 | 914,96 |
| Outros artigos de uso pessoal e doméstico | 197,39 | 181,24 | 184,92 | 194,37 | 182,48 | 204,62 | 197,20 | 344,35 | 190,54 | 194,41 | 169,26 | 195,88 | 202,61 |
| COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL | 129,10 | 121,10 | 125,41 | 132,34 | 129,42 | 131,80 | 128,03 | 171,38 | 126,79 | 129,67 | 115,74 | 128,31 | 133,42 |

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 6 - PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 1991-ABR 2009

| SEÇÃO/ATIVIDADE ⁽¹⁾ | ÍNDICE (base: média de 2002 = 100) ⁽²⁾ | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| | 1991 | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
| Indústria de transformação | 79,4 | 77,4 | 86,6 | 94,5 | 89,2 | 92,5 | 97,7 | 101,1 | 99,7 | 99,0 | 102,5 | 100,0 | 105,7 | 116,3 | 117,9 | 116,0 | 123,8 | 134,3 |
| Alimentos | 78,5 | 78,2 | 93,3 | 93,6 | 84,2 | 88,9 | 85,8 | 90,6 | 96,2 | 93,9 | 99,3 | 100,0 | 104,7 | 109,8 | 106,1 | 112,2 | 116,1 | 112,8 |
| Bebidas | 64,0 | 51,4 | 44,3 | 56,7 | 74,7 | 66,2 | 61,0 | 62,7 | 67,6 | 71,9 | 91,8 | 100,0 | 94,4 | 98,9 | 106,0 | 121,2 | 120,2 | 122,0 |
| Madeira | 60,2 | 62,0 | 64,9 | 62,8 | 62,0 | 67,1 | 65,2 | 82,7 | 83,0 | 85,0 | 91,0 | 100,0 | 113,1 | 132,0 | 115,9 | 101,2 | 95,7 | 94,1 |
| Celulose, papel e produtos de papel | 98,0 | 95,9 | 99,1 | 103,0 | 101,8 | 104,6 | 114,2 | 113,4 | 112,9 | 117,8 | 104,2 | 100,0 | 100,2 | 104,7 | 112,7 | 114,8 | 114,1 | 133,2 |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | ... | ... | ... | ... | ... | ... | ... | ... | ... | ... | ... | 100,0 | 133,5 | 186,5 | 190,7 | 211,0 | 181,2 | 239,7 |
| Refino de petróleo e álcool | 76,9 | 74,1 | 84,0 | 94,0 | 82,6 | 96,2 | 96,7 | 93,0 | 107,3 | 102,5 | 108,7 | 100,0 | 99,6 | 87,7 | 96,2 | 97,3 | 93,8 | 100,6 |
| Outros produtos químicos | 61,9 | 67,5 | 81,3 | 94,4 | 80,7 | 103,9 | 110,1 | 100,1 | 107,5 | 117,8 | 116,4 | 100,0 | 105,4 | 94,4 | 76,4 | 74,4 | 82,5 | 64,6 |
| Borracha e plástico | 88,1 | 82,9 | 90,5 | 72,1 | 70,6 | 100,7 | 113,5 | 111,2 | 100,0 | 90,3 | 90,5 | 100,0 | 95,0 | 99,8 | 96,1 | 108,8 | 111,4 | 123,9 |
| Minerais não-metálicos | 65,5 | 64,6 | 65,0 | 61,3 | 70,6 | 80,2 | 92,6 | 87,0 | 89,8 | 91,6 | 92,7 | 100,0 | 97,2 | 91,4 | 94,6 | 90,0 | 95,1 | 120,3 |
| Produtos de metal - excl. máquinas e equip. | 151,4 | 145,9 | 118,6 | 127,1 | 148,3 | 153,3 | 151,1 | 134,2 | 121,8 | 98,0 | 94,9 | 100,0 | 98,6 | 104,3 | 101,5 | 102,4 | 107,8 | 114,3 |
| Máquinas e equipamentos | 42,8 | 36,1 | 42,9 | 58,2 | 63,9 | 73,3 | 72,4 | 63,4 | 62,7 | 73,3 | 80,9 | 100,0 | 113,8 | 138,1 | 122,7 | 121,8 | 147,8 | 161,2 |
| Máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 115,9 | 96,6 | 96,8 | 116,1 | 145,4 | 151,4 | 191,8 | 184,8 | 152,4 | 265,4 | 248,1 | 100,0 | 97,3 | 91,2 | 114,5 | 115,8 | 138,0 | 132,7 |
| Veículos automotores | 62,3 | 62,7 | 91,6 | 135,3 | 129,5 | 84,9 | 112,8 | 106,4 | 79,2 | 101,8 | 101,8 | 100,0 | 117,3 | 176,8 | 214,1 | 170,3 | 222,1 | 275,0 |
| Mobiliário | 59,9 | 44,4 | 53,5 | 58,1 | 68,7 | 91,9 | 87,8 | 93,4 | 98,7 | 106,2 | 99,0 | 100,0 | 90,7 | 92,9 | 88,2 | 89,9 | 101,6 | 93,3 |

| SEÇÃO/ATIVIDADE ⁽¹⁾ | ÍNDICE (base: média de 2002 = 100) ⁽²⁾ | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---------|---------|---------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|---------|---------|---------|---------|
| | Jan./08 | Fev./08 | Mar./08 | Abr./08 | Mai/08 | Jun/08 | Jul/08 | Ago/08 | Set/08 | Out/08 | Nov/08 | Dez/08 | 2009 | Jan./09 | Fev./09 | Mar./09 | Abr./09 |
| Indústria de transformação | 125,3 | 118,9 | 130,8 | 133,6 | 142,5 | 137,9 | 146,7 | 139,3 | 145,0 | 150,3 | 132,9 | 109,3 | 125,3 | 114,7 | 120,6 | 136,1 | 129,9 |
| Alimentos | 94,9 | 78,8 | 103,8 | 111,5 | 125,3 | 123,2 | 137,8 | 123,4 | 124,3 | 122,5 | 114,3 | 94,2 | 97,2 | 73,4 | 84,4 | 110,6 | 120,5 |
| Bebidas | 114,0 | 102,1 | 120,1 | 109,3 | 105,1 | 102,4 | 103,8 | 123,2 | 125,6 | 141,2 | 143,8 | 174,0 | 122,4 | 124,9 | 115,6 | 130,6 | 118,4 |
| Madeira | 103,3 | 101,7 | 104,8 | 92,6 | 92,2 | 90,6 | 97,5 | 94,3 | 90,5 | 96,6 | 80,4 | 84,7 | 73,0 | 68,9 | 68,1 | 84,3 | 70,6 |
| Celulose, papel e produtos de papel | 131,9 | 123,1 | 131,3 | 133,5 | 135,1 | 136,9 | 142,5 | 119,6 | 139,0 | 136,4 | 139,6 | 129,7 | 126,5 | 127,9 | 127,5 | 131,8 | 118,6 |
| Edição, impressão e reprodução de gravações | 229,5 | 210,7 | 203,9 | 227,2 | 351,7 | 204,0 | 211,5 | 214,9 | 287,3 | 235,9 | 223,1 | 276,1 | 520,5 | 517,7 | 599,4 | 521,8 | 442,9 |
| Refino de petróleo e álcool | 91,2 | 89,1 | 94,5 | 99,4 | 108,6 | 106,6 | 112,6 | 88,0 | 103,2 | 105,8 | 105,6 | 103,8 | 90,9 | 82,4 | 81,7 | 96,8 | 102,7 |
| Outros produtos químicos | 78,4 | 66,2 | 51,7 | 68,0 | 56,2 | 86,2 | 82,6 | 56,0 | 74,6 | 70,1 | 40,3 | 44,3 | 73,6 | 72,4 | 79,1 | 77,3 | 65,4 |
| Borracha e plástico | 117,4 | 110,6 | 119,2 | 124,0 | 129,5 | 122,6 | 133,8 | 134,5 | 136,7 | 137,4 | 122,0 | 99,6 | 114,7 | 120,1 | 108,4 | 117,3 | 113,1 |
| Minerais não-metálicos | 100,6 | 106,9 | 111,8 | 112,0 | 119,2 | 120,1 | 132,3 | 134,2 | 129,7 | 132,5 | 121,9 | 122,7 | 117,0 | 111,2 | 108,8 | 124,5 | 123,4 |
| Produtos de metal - excl. máquinas e equip. | 98,0 | 96,6 | 105,5 | 117,0 | 118,1 | 121,3 | 127,8 | 122,9 | 123,7 | 128,3 | 119,1 | 93,5 | 90,0 | 97,4 | 82,3 | 88,0 | 92,4 |
| Máquinas e equipamentos | 161,5 | 158,1 | 170,4 | 165,2 | 172,8 | 170,1 | 142,4 | 165,7 | 165,9 | 186,7 | 158,9 | 117,1 | 122,2 | 129,5 | 111,7 | 125,5 | 122,2 |
| Máquinas, aparelhos e materiais elétricos | 150,1 | 136,1 | 129,1 | 117,9 | 123,1 | 143,3 | 145,8 | 130,6 | 141,1 | 143,0 | 117,5 | 114,8 | 111,9 | 109,9 | 98,4 | 128,0 | 111,3 |
| Veículos automotores | 245,3 | 260,0 | 297,0 | 287,1 | 265,9 | 272,4 | 315,7 | 323,1 | 299,4 | 354,8 | 274,4 | 105,0 | 175,4 | 132,9 | 156,9 | 217,7 | 194,1 |
| Mobiliário | 90,6 | 81,7 | 81,4 | 81,7 | 90,7 | 91,6 | 101,2 | 105,9 | 100,9 | 103,7 | 96,9 | 93,0 | 66,7 | 63,2 | 62,0 | 69,5 | 72,1 |

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Somente as atividades que apresentam produtos incluídos na amostra.

(2) Índice sem ajuste sazonal.

TABELA 7 - PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO NA INDÚSTRIA PARANAENSE, SEGUNDO SEÇÕES E DIVISÕES DA CNAE - 2001-ABR 2009

| SEÇÃO/DIVISÃO | ÍNDICE (base: janeiro de 2001 = 100) | | | | | | | | | | | | | |
|---|--------------------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|---------|---------|---------|---------|---------|--|
| | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | Jan./08 | Fev./08 | Mar./08 | Abr./08 | Maio/08 | |
| Indústria geral | 99,9 | 100,1 | 102,5 | 106,7 | 108,2 | 105,7 | 109,0 | 110,1 | 109,5 | 110,0 | 110,4 | 111,1 | 110,5 | |
| Indústrias extrativas | 99,0 | 95,3 | 91,0 | 83,1 | 74,6 | 75,1 | 76,6 | 75,7 | 73,0 | 75,4 | 75,7 | 75,6 | 75,9 | |
| Indústria de transformação | 99,9 | 100,2 | 102,7 | 107,0 | 108,7 | 106,1 | 109,4 | 110,6 | 110,0 | 110,4 | 110,9 | 111,5 | 110,9 | |
| Alimentos e bebidas | 103,9 | 112,9 | 124,0 | 130,2 | 145,7 | 148,6 | 156,6 | 161,1 | 161,4 | 160,2 | 160,9 | 161,6 | 160,5 | |
| Fumo | 160,7 | 151,6 | 139,3 | 171,8 | 176,0 | 172,7 | 203,6 | 146,7 | 129,1 | 160,9 | 229,3 | 230,5 | 220,0 | |
| Têxtil | 103,9 | 104,5 | 98,9 | 97,5 | 93,0 | 98,0 | 90,6 | 84,6 | 84,8 | 88,5 | 88,2 | 87,7 | 85,9 | |
| Vestuário | 99,1 | 109,7 | 119,8 | 137,4 | 143,1 | 130,7 | 127,1 | 114,2 | 116,5 | 119,3 | 117,9 | 120,2 | 117,2 | |
| Calçados e couro | 102,3 | 94,2 | 84,9 | 77,5 | 87,4 | 100,3 | 104,4 | 100,2 | 96,6 | 98,7 | 100,2 | 104,5 | 102,5 | |
| Madeira | 88,5 | 80,1 | 77,6 | 79,5 | 68,5 | 56,5 | 49,9 | 45,5 | 50,4 | 50,2 | 49,8 | 48,8 | 48,2 | |
| Papel e gráfica | 99,8 | 101,8 | 112,3 | 115,9 | 117,0 | 121,5 | 127,5 | 125,0 | 124,0 | 124,4 | 123,5 | 124,2 | 123,6 | |
| Refino de petróleo e combustíveis | 130,3 | 139,5 | 194,0 | 200,3 | 193,1 | 214,1 | 231,6 | 258,8 | 159,3 | 168,6 | 212,1 | 260,8 | 273,0 | |
| Produtos químicos | 97,9 | 94,7 | 85,4 | 84,5 | 82,9 | 92,2 | 107,9 | 104,6 | 110,9 | 111,7 | 111,9 | 112,0 | 113,1 | |
| Borracha e plástico | 99,1 | 102,9 | 92,1 | 90,5 | 92,8 | 91,2 | 94,7 | 92,2 | 88,0 | 89,6 | 90,1 | 89,9 | 90,9 | |
| Minerais não-metálicos | 104,0 | 115,4 | 112,6 | 116,0 | 119,9 | 113,9 | 129,7 | 134,7 | 133,5 | 132,0 | 134,2 | 134,0 | 137,4 | |
| Metalurgia básica | 109,3 | 91,8 | 83,4 | 79,7 | 81,4 | 72,5 | 68,0 | 72,2 | 72,0 | 70,1 | 71,2 | 70,7 | 71,3 | |
| Produtos de metal ⁽¹⁾ | 101,0 | 95,4 | 97,4 | 96,9 | 99,4 | 101,1 | 96,0 | 103,7 | 101,2 | 100,1 | 98,6 | 99,8 | 98,6 | |
| Máquinas e equipamentos ⁽²⁾ | 100,7 | 111,3 | 125,2 | 137,6 | 137,2 | 125,6 | 134,1 | 161,5 | 153,1 | 158,9 | 160,5 | 159,6 | 160,1 | |
| Máquinas e aparelhos elétricos ⁽³⁾ | 104,8 | 106,9 | 96,7 | 90,5 | 96,2 | 94,7 | 95,0 | 105,1 | 96,6 | 98,1 | 99,7 | 101,8 | 103,9 | |
| Fabricação de meios de transporte | 97,0 | 88,2 | 93,5 | 101,7 | 112,5 | 112,2 | 142,1 | 150,6 | 147,4 | 147,9 | 150,3 | 149,1 | 151,1 | |
| Fabricação de outros produtos | 99,1 | 80,9 | 71,1 | 74,5 | 66,1 | 63,5 | 66,2 | 64,7 | 68,7 | 66,6 | 64,8 | 63,8 | 60,9 | |

| SEÇÃO/DIVISÃO | ÍNDICE (base: janeiro de 2001 = 100) | | | | | | | | | | | |
|---|--------------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|-------|---------|---------|---------|---------|
| | Jun./08 | Jul./08 | Ago./08 | Set./08 | Out./08 | Nov./08 | Dez./08 | 2009 | Jan./09 | Fev./09 | Mar./09 | Abr./09 |
| Indústria geral | 111,1 | 111,1 | 111,6 | 111,2 | 111,0 | 109,1 | 105,3 | 103,9 | 104,5 | 103,5 | 103,6 | 102,4 |
| Indústrias extrativas | 75,4 | 74,7 | 74,8 | 76,5 | 76,8 | 77,6 | 76,8 | 72,5 | 76,3 | 70,9 | 70,2 | 78,9 |
| Indústria de transformação | 111,5 | 111,6 | 112,1 | 111,6 | 111,5 | 109,5 | 105,7 | 104,3 | 104,9 | 103,9 | 104,1 | 102,7 |
| Alimentos e bebidas | 160,5 | 161,4 | 161,0 | 163,1 | 163,9 | 162,3 | 156,4 | 155,8 | 156,4 | 155,4 | 155,5 | 154,4 |
| Fumo | 166,4 | 106,5 | 102,8 | 103,7 | 101,2 | 102,0 | 108,3 | 246,1 | 170,8 | 277,9 | 289,5 | 276,2 |
| Têxtil | 85,5 | 85,1 | 86,0 | 85,5 | 81,4 | 79,3 | 77,1 | 76,9 | 77,3 | 76,8 | 76,4 | 76,4 |
| Vestuário | 116,6 | 114,4 | 116,3 | 116,6 | 114,6 | 103,4 | 97,1 | 98,8 | 96,6 | 97,8 | 101,9 | 94,5 |
| Calçados e couro | 102,4 | 106,9 | 111,8 | 107,3 | 98,9 | 88,2 | 84,9 | 85,0 | 83,7 | 84,0 | 87,5 | 87,2 |
| Madeira | 47,1 | 44,2 | 43,4 | 42,6 | 41,7 | 41,1 | 38,7 | 37,8 | 38,3 | 37,4 | 37,7 | 37,0 |
| Papel e gráfica | 123,8 | 123,9 | 127,4 | 126,5 | 127,9 | 126,8 | 124,1 | 121,5 | 124,2 | 120,6 | 119,7 | 120,4 |
| Refino de petróleo e combustíveis | 292,8 | 295,4 | 293,0 | 292,4 | 293,3 | 290,4 | 273,9 | 234,1 | 235,9 | 226,8 | 239,6 | 265,6 |
| Produtos químicos | 112,1 | 114,8 | 115,1 | 89,1 | 87,2 | 89,5 | 88,5 | 87,9 | 87,9 | 87,7 | 88,1 | 89,0 |
| Borracha e plástico | 94,7 | 93,9 | 94,4 | 94,1 | 95,3 | 93,9 | 91,6 | 88,8 | 90,5 | 88,4 | 87,5 | 86,7 |
| Minerais não-metálicos | 140,0 | 135,7 | 134,3 | 132,6 | 134,1 | 134,6 | 133,7 | 132,2 | 134,0 | 130,2 | 132,5 | 132,1 |
| Metalurgia básica | 72,1 | 71,1 | 72,8 | 73,4 | 73,7 | 74,1 | 73,4 | 72,5 | 72,1 | 73,4 | 72,0 | 70,6 |
| Produtos de metal ⁽¹⁾ | 102,8 | 106,6 | 108,6 | 108,2 | 107,9 | 107,1 | 104,8 | 107,1 | 107,3 | 108,3 | 105,6 | 103,8 |
| Máquinas e equipamentos ⁽²⁾ | 163,0 | 165,6 | 166,0 | 165,8 | 166,4 | 163,5 | 155,3 | 151,5 | 152,8 | 151,2 | 150,6 | 146,2 |
| Máquinas e aparelhos elétricos ⁽³⁾ | 105,6 | 107,4 | 107,6 | 110,9 | 110,5 | 109,9 | 108,6 | 105,9 | 108,6 | 106,8 | 102,3 | 101,5 |
| Fabricação de meios de transporte | 151,9 | 152,0 | 150,0 | 155,0 | 155,7 | 150,7 | 145,8 | 142,8 | 143,9 | 143,2 | 141,3 | 142,0 |
| Fabricação de outros produtos | 60,5 | 62,2 | 63,7 | 65,2 | 66,6 | 67,8 | 65,5 | 63,3 | 64,5 | 63,1 | 62,2 | 61,4 |

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário

NOTA: Índice sem ajuste sazonal.

(1) Não inclui máquinas e equipamentos.

(2) Não inclui máquinas e equipamentos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações.

(3) Inclui também máquinas e aparelhos eletrônicos, de precisão e de comunicações.

TABELA 8 - SALDO DO EMPREGO FORMAL NO PARANÁ⁽¹⁾ - 1995-MAIO 2009

| ANO | SETORES (número de vagas) | | | | | | TOTAL |
|-----------|---------------------------|------------------|----------|----------|--------------|-----------------|---------|
| | Indústria | Construção Civil | Comércio | Serviços | Agropecuária | Outros/Ignorado | |
| 1995 | -15 192 | -2 923 | -6 410 | 602 | -1 448 | 44 | -25 327 |
| 1996 | -7 081 | -2 096 | -6 691 | -16 109 | -793 | -35 | -32 805 |
| 1997 | 4 464 | 278 | 6 529 | -2 100 | -1 000 | -708 | 7 463 |
| 1998 | -16 127 | -3 658 | -7 332 | -4 695 | -3 634 | -211 | -35 657 |
| 1999 | 3 137 | -10 241 | 582 | -1 295 | -8 646 | -186 | -16 649 |
| 2000 | 8 475 | -18 | 7 548 | 13 733 | -1 866 | 271 | 28 143 |
| 2001 | 22 087 | -6 701 | 14 536 | 22 888 | 1 026 | 21 | 53 857 |
| 2002 | 24 035 | -1 376 | 21 872 | 14 299 | -241 | - | 58 589 |
| 2003 | 18 066 | -3 903 | 24 774 | 17 345 | 6 075 | 13 | 62 370 |
| 2004 | 49 092 | 1 417 | 35 049 | 30 151 | 6 938 | 1 | 122 648 |
| 2005 | 14 385 | 2 091 | 25 183 | 31 223 | 962 | 4 | 72 374 |
| 2006 | 23 697 | 5 955 | 21 205 | 34 294 | 1 245 | - | 86 396 |
| 2007 | 46 524 | 8 011 | 30 502 | 31 571 | 5 753 | - | 122 361 |
| 2008 | 22 765 | 13 713 | 33 067 | 35 278 | 6 080 | - | 110 903 |
| Janeiro | 6 271 | 2 521 | 928 | 2 973 | -376 | - | 12 317 |
| Fevereiro | 4 606 | 1 658 | 2 389 | 5 895 | 182 | - | 14 730 |
| Março | 9 166 | 809 | 3 402 | 6 973 | 4 735 | - | 25 085 |
| Abril | 9 961 | 1 647 | 4 015 | 5 645 | 5 079 | - | 26 347 |
| Mai | 5 167 | 3 095 | 3 015 | 4 541 | 921 | - | 16 739 |
| Junho | 4 141 | 1 784 | 3 386 | 3 225 | 1 408 | - | 13 944 |
| Julho | 3 700 | 2 722 | 2 298 | 4 546 | 369 | - | 13 635 |
| Agosto | 3 474 | 1 831 | 3 998 | 5 264 | 128 | - | 14 695 |
| Setembro | 6 264 | 1 623 | 4 454 | 4 594 | 469 | - | 17 404 |
| Outubro | 387 | 380 | 3 276 | 1 603 | 355 | - | 6 001 |
| Novembro | -4 974 | -747 | 4 690 | 1 236 | -377 | - | -172 |
| Dezembro | -25 398 | -3 610 | -2 784 | -11 217 | -6 813 | - | -49 822 |
| 2009 | 5 196 | 4 988 | 2 154 | 19 694 | 2 515 | - | 34 547 |
| Janeiro | -638 | 1 631 | -912 | 2 456 | -945 | - | 1 592 |
| Fevereiro | -1 883 | 55 | -109 | 5 994 | -1 563 | - | 2 494 |
| Março | 2 958 | 428 | 1 191 | 3 261 | 3 004 | - | 10 842 |
| Abril | 2 504 | -104 | 333 | 4 848 | 356 | - | 7 937 |
| Mai | 2 255 | 2 978 | 1 651 | 3 135 | 1 663 | - | 11 682 |

FONTE: CAGED – MTE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Dado inexistente.

(1) Levantamento financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

TABELA 9 - PRODUTO INTERNO BRUTO DO PARANÁ E DO BRASIL - 2002-2008

| ANO | PARANÁ ⁽¹⁾ | | BRASIL ⁽¹⁾ | |
|---------------------|-----------------------------------|------------------|-----------------------------------|------------------|
| | Valor (R\$ milhão) ⁽²⁾ | Varição Real (%) | Valor (R\$ milhão) ⁽²⁾ | Varição Real (%) |
| 2002 | 88 407 | ... | 1 477 822 | ... |
| 2003 | 109 459 | 4,48 | 1 699 948 | 1,1 |
| 2004 | 122 434 | 4,94 | 1 941 498 | 5,7 |
| 2005 | 126 677 | -0,10 | 2 147 239 | 3,2 |
| 2006 | 136 681 | 1,40 | 2 369 797 | 3,8 |
| 2007 ⁽³⁾ | 150 712 | 6,0 | 2 597 611 | 5,7 |
| 2008 ⁽³⁾ | 167 777 | 5,8 | 2 889 719 | 5,1 |

FONTES: IPARDES, IBGE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Nova série das Contas Regionais (referência 2002) e das Contas Nacionais (referência 2000).

(2) Preços correntes.

(3) Estimativas do IPARDES para o Paraná.